



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

LIDIANY FREIRE DA SILVA

**ENSINO REMOTO E PANDEMIA: UM ESTUDO SOBRE O
INDICATIVO DE TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS
ENTRE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE
ESTADUAL DO RN**

MOSSORÓ – RN
2022

LIDIANY FREIRE DA SILVA

**ENSINO REMOTO E PANDEMIA: UM ESTUDO SOBRE O
INDICATIVO DE TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS
ENTRE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE
ESTADUAL DO RN**

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
(UFERSA), Centro de Ciências Sociais
Aplicadas e Humanas como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Agostinha Mafalda
Barra de Oliveira (UFERSA)

Coorientador: Prof. Me. Antonio Edson
Oliveira Honorato (UERJ)

MOSSORÓ – RN
2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S586e Silva, Lidiany Freire da.
Ensino remoto e pandemia: um estudo sobre o
indicativo de Transtornos Mentais Comuns entre
docentes da educação básica da rede estadual do RN
/ Lidiany Freire da Silva. - 2022.
75 f. : il.

Orientadora: Agostinha Mafalda Barra de
Oliveira.
Coorientador: Antônio Edson de Oliveira
Honorato.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Administração,
2022.

1. Transtornos Mentais Comuns. 2. Docentes. 3.
Ensino Remoto. 4. Pandemia. I. Oliveira,
Agostinha Mafalda Barra de, orient. II.
Honorato, Antônio Edson de Oliveira, co-orient.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência

Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva

CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

LIDIANY FREIRE DA SILVA

**ENSINO REMOTO E PANDEMIA: UM ESTUDO SOBRE O
INDICATIVO DE TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS
ENTRE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE
ESTADUAL DO RN**

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
(UFERSA), Centro de Ciências Sociais
Aplicadas e Humanas como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Administração.

APROVADA EM: ____ 08 ____ / ____ 06 ____ / ____ 2022 ____

BANCA EXAMINADORA

Agostinha Mafalda Barra de Oliveira

Assinado de forma digital por Agostinha Mafalda
Barra de Oliveira
Dados: 2022.06.21 14:48:01 -03'00'

Profa. Dra. Agostinha Mafalda Barra de Oliveira – UFERSA
Presidente



Assinado de forma digital por
ANTONIO EDSON OLIVEIRA
HONORATO:10206726414
Dados: 2022.06.21 20:49:46
-03'00'

Prof. Me. Antonio Edson Oliveira Honorato – UERN
Primeiro Membro



Profa. Ma. Yascara Priscilla Dantas da Costa – UFERSA
Segundo Membro

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus por nunca me abandonar, mesmo nos momentos que eu não acreditava em mim.

Dedico também à minha mãe que é razão do meu viver. Ela com sua sabedoria e simplicidade está sempre disposta a aconselhar e com vontade de aprender.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo!

A minha mãe, Lúcia Freire, que é minha fonte de energia para todos os dias continuar lutando e o motivo de eu buscar melhorar a cada dia. Mãe, obrigada por todo cuidado, amor e dedicação.

Ao meu pai, Francisco Antônio, por acreditar no meu potencial.

Aos professores do curso de Administração, muito obrigada por todos os ensinamentos transmitidos e que contribuíram para minha formação.

Aos meus orientadores, Agostinha Mafalda e Edson Oliveira por toda dedicação, sabedoria e paciência na construção deste trabalho.

A Pryscilla Dantas, por sua disponibilidade em fazer parte da banca examinadora.

A todos os meus amigos e colegas de faculdade, que contribuíam enormemente para o meu desenvolvimento pessoal e com quem eu pude compartilhar momentos de crescimento. Principalmente aos amigos Romênia Cabral, Luciene Alves, Sergio Souto e Edione Gomes por dividir comigo tantos momentos e por fazer a faculdade ser mais leve.

A Allan Amorim, pela escuta, pelas palavras, por me fazer entender que eu tinha capacidade de realizar este trabalho e de muito mais...

Ao “Pessoal da *Lan House*”, por estarem sempre comigo. Amo vocês!

E por fim, a todos docentes da educação básica do RN, principalmente aos da rede estadual, que gentilmente cederam seu tempo para responderem ao questionário que possibilitou a realização deste estudo. Muito obrigada!

"Quando as coisas não andam bem na sua
cabeça, elas não andam bem em lugar nenhum"

(Laura Mélo)

RESUMO

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados pelo auge da pandemia da Covid-19. Além dos milhares de mortos, a pandemia alterou a dinâmica da população, de modo geral. Com a paralisação das aulas presenciais, os docentes tiveram suas demandas de trabalho modificadas de forma abrupta e despreparada, por isso, passaram a lecionar de forma remota. Esse contexto de ensino remoto e pandemia, vêm gerando a desmotivação e, conseqüentemente, o desgaste mental dos docentes, corroborando alguns relatórios sobre os impactos da pandemia que mostram um aumento dos sintomas de sofrimento mental. Por isso, o objetivo deste estudo foi analisar o indicativo de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre docentes da educação básica da rede estadual do Rio Grande do Norte (RN), durante o ensino remoto na pandemia de Covid-19. A pesquisa teve caráter transversal e descritivo, com abordagem quantitativa. Para a coleta dos dados utilizou-se dois instrumentos de pesquisa: o Questionário Sociodemográfico e Ocupacional (QSDO) e o *Self-Reporting Questionnaire-20* (SRQ-20). Participaram do estudo 283 docentes da rede estadual e que residem em todas as regiões do RN. Os questionários foram disponibilizados no *Google Forms* no período de março e abril de 2021. Os resultados foram obtidos por meio de análises descritivas, testes Qui-Quadrado e t de *Student*. Como resultado, encontrou-se um indicativo de TMC em 58,0% dos respondentes. Além disso, identificou-se associações entre indicativo de TMC e a variável sexo, geração, quantidade de vínculo empregatício, quantidade de escolas que leciona e a variável reside na cidade que leciona. Bem como observou-se que o ensino remoto/pandemia não só contribuiu para o surgimento, mas principalmente para o agravamento dos sintomas do TMC entre os docentes da amostra, tendo em vista que diminuiu o nível de prazer e aumentou o nível de dificuldade na realização de suas atividades laborais. Em nuvens de palavras foram colocados os principais motivos, sentimentos e dificuldades que os docentes sentiram no período, e que foram atribuídos por eles, palavras que são de cunho negativo e que se relacionam tanto com o ensino remoto, quanto com a pandemia.

Palavras-chave: Transtornos Mentais Comuns. Docentes. Ensino Remoto. Pandemia.

ABSTRACT

The years 2020 and 2021 were marked by the height of the Covid-19 pandemic. In addition to the thousands of deaths, the pandemic changed the dynamics of the population, in general. With the interruption of face-to-face classes, teachers had their work demands changed abruptly and unprepared, so they started teaching remotely. This context of remote teaching and a pandemic has been generating demotivation and, consequently, the mental exhaustion of teachers, corroborating some reports on the impacts of the pandemic that show an increase in the symptoms of mental suffering. Therefore, the objective of this study was to analyze the indicative of Common Mental Disorders (CMD) among teachers of basic education of the Rio Grande do Norte (RN) state in Brazil, during emergency remote teaching in the Covid-19 pandemic period. The research was characterized as descriptive with a transversal approach. Two research instruments were used to collect data: the Sociodemographic and Occupational Questionnaire (QSDO) and the Self-Reporting Questionnaire-20 (SRQ-20). The study included the participation of 283 teachers from the state education network and who reside in all regions of the Rio Grande do Norte state. Forms were sent between March and April of 2021. The results were obtained through descriptive analysis of frequencies and percentages, by means, and also by Chi-Square Tests and Student's t Tests. As a result, a CMD indicative of 58% was found. In addition, associations between CMD and the variable gender, generation, amount of employment relationship, number of schools of work and the variable city of residence were found. An association was also found between CMD and the intended modality in the post-pandemic period, appearance and worsening of symptoms during remote teaching/pandemic. It was also observed that remote teaching/pandemic not only contributed to the appearance, but mainly to the worsening of CMD symptoms among the teachers in the sample; considering that while the level of pleasure decreases, the level of difficulty in carrying out their work activities increases. In the last part of the results, the study presents, in word clouds, the main reasons, feelings and difficulties that the teachers felt in the pandemic period. The words quoted by the teachers are mostly of a negative nature.

Keywords: Common Mental Disorders. Teachers. Remote Teaching. Pandemic.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estrutura dos quatro fatores do SRQ-20	35
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nuvem de palavras dos principais motivos que influenciaram o surgimento ou agravamento do indicativo de TMC, segundo os docentes	52
Figura 2 - Nuvem de palavras dos sentimentos durante o ensino remoto/pandemia, segundo os docentes	54
Figura 3 - Nuvem de palavras das dificuldades durante o ensino remoto/pandemia, segundo os docentes	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características sociodemográficas da amostra	39
Tabela 2 - Características ocupacionais da amostra	40
Tabela 3 – Frequência de sintomas assinalados	44
Tabela 4 - Indicativo de TMC associado as características sociodemográficas.....	46
Tabela 5 - Indicativo de TMC associado as características ocupacionais.....	47
Tabela 6 - Indicativo de TMC associado com a experiência com ensino remoto e/ou EaD e com a preferência de modalidade pós-pandemia.....	50
Tabela 7 - Indicativo de TMC associado ao seu surgimento ou agravamento.....	51
Tabela 8 - Teste t para comparação dos níveis de prazer e dificuldade	53

LISTA DE SIGLAS

CID-10	Classificação Internacional de Doenças
COVID-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
DIRECs	Diretorias Regionais de Educação e Cultura
DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana
EaD	Educação a Distância ou Ensino a Distância
ERE	Ensino Remoto Emergencial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial de Saúde
QSDO	Questionário Sociodemográfico e Ocupacional
RN	Rio Grande do Norte
SARS-CoV-2	Síndrome Respiratória Aguda Grave Coronavírus 2
SEEC	Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
SRQ-20	<i>Self-Reporting Questionnaire-20</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDICs	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático
TMC	Transtornos Mentais Comuns

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	15
1.2 OBJETIVOS	17
1.2.1 Objetivo geral.....	17
1.2.2 Objetivos específicos.....	18
1.3 JUSTIFICATIVA	18
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	20
2 REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1 O TRABALHO DOCENTE	21
2.1.1 Trabalho docente no Brasil.....	21
2.1.2 Ensino a Distância (EaD) versus Ensino Remoto Emergencial (ERE)	22
2.1.3 Educação em tempos de pandemia	23
2.1.4 O ensino remoto no Brasil e no RN.....	26
2.2 TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS (TMC)	27
2.2.1 Conceito e sintomas	27
2.2.2 Causas	28
2.2.3 Indicativos e estudos sobre o tema	30
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	32
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	32
3.2 POPULAÇÃO, AMOSTRA E PROCESSO DE AMOSTRAGEM	33
3.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA	34
3.4 FONTE E COLETA DE DADOS	36
3.5 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISES.....	37
4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	39
4.1 PERFIL DOS DOCENTES	39
4.2 INDICATIVO DE TMC.....	43
4.2.1 Possíveis relações entre o indicativo de TMC e o perfil docente	45
4.2.2 O ensino remoto/pandemia como fator de surgimento ou agravamento do TMC em docentes.....	51
4.2.3 Níveis de prazer e de dificuldade antes e durante o ensino remoto/pandemia	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
5.1 PRINCIPAIS RESULTADOS	57

5.2 CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO.....	59
5.3 LIMITAÇÕES DO ESTUDO	60
5.4 SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS	61
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E OCUPACIONAL (QSDO)	70
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	73
ANEXO – SELF-REPORTING QUESTIONNAIRE-20 (SRQ-20).....	75

1 INTRODUÇÃO

Este primeiro capítulo apresenta o delineamento e a problemática deste estudo. Sendo assim, está estruturado em quatro tópicos. O primeiro diz respeito à contextualização do tema; o segundo apresenta os objetivos gerais e específicos. No terceiro, estão apresentadas as justificativas e a relevância da pesquisa. Por fim, o quarto tópico traz o detalhamento da estrutura geral do trabalho.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados pela *Coronavirus Disease 2019* (Covid-19). A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave do Coronavírus 2 (SARS-CoV-2) (BUTANTAN, 2022).

Em dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi alertada da ocorrência do vírus, após vários casos terem sido registrados na China (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022). Devido ao seu elevado nível de transmissibilidade, o vírus espalhou-se rapidamente por várias regiões do mundo, causando milhares de mortes. Nesse ínterim, em março de 2020, a OMS (2022) declarou a Covid-19 como uma pandemia – disseminação mundial de uma nova doença.

Desde o início dos primeiros casos, em 2019, até a declaração de pandemia, em março de 2020, o período foi curto, mas, os impactos causados foram enormes. Além dos milhares de mortos, a pandemia alterou a dinâmica da população, de modo geral. As atividades consideradas não-essenciais tiveram que parar.

O sistema de saúde de quase todos os países colapsou rapidamente. Com o fechamento dos setores comerciais, os impactos econômicos foram severos e sentidos por quase todos os setores. A educação e a economia foram duas das áreas que mais sofreram. Fato que, conseqüentemente, poderá agravar ainda mais a desigualdade social de países em desenvolvimento, como o Brasil (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

Para a população de baixa renda e com vulnerabilidade econômica, os efeitos da pandemia foram devastadores, tendo em vista que a renda pode ser um fator decisivo para o

índice de mortalidade proveniente da Covid-19 (LABORATÓRIO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA EM SAÚDE, 2020, n.p.), isso acontece pelo fato de que as pessoas com fragilidade econômica não conseguem cumprir o isolamento social, pois precisam sair para trabalhar e assim ficam mais expostas ao vírus. Em adição, mesmo com a implantação de políticas públicas emergenciais, como a criação do auxílio emergencial – um benefício financeiro cedido pelo Governo Federal – boa parte da população enfrentou uma grande dificuldade financeira.

Além de todos os problemas econômicos vivenciados, alguns relatórios sobre os impactos da pandemia mostram que houve um aumento dos sintomas de sofrimento mental. No início da pandemia já era previsto que houvesse o aumento nos níveis de solidão, ansiedade, depressão, comportamentos de risco à saúde, medo extremo e incertezas (COSIC *et al.*, 2020). O medo da infecção pelo vírus, morte de familiares e amigos, necessidade de distanciamento social, exposição constante a notícias relacionadas à doença e o sentimento de insegurança e incapacidade, entre tantos outros, têm gerado nas pessoas um aumento no indicativo dos chamados Transtornos Mentais Comuns (TMC) (CRUZ *et al.*, 2020).

Entre os principais transtornos identificados estão a ansiedade, depressão e estresse que vêm agravando casos já existentes, bem como desenvolvendo novos casos na população (SANTOS JÚNIOR *et al.*, 2021), criando a necessidade de um alerta e um olhar especial para a questão. Analiticamente, é possível depreender, de tal contexto, que a pandemia da Covid-19 se revelou um grande problema para a saúde mental em nível global (VASCONCELOS *et al.*, 2020).

Muito se tem falado do desgaste mental sofrido pelos profissionais da linha de frente, em especial os ligados à saúde, o que é verídico. Mas de modo menos noticiado e com efeito de impacto mais silencioso, há uma classe de trabalhadores que teve suas demandas de trabalho modificadas de forma abrupta e despreparada: a dos educadores. Os profissionais dessa classe, que antes faziam suas atividades laborais, em geral, dentro de uma instituição de ensino em local físico, tiveram que levar o trabalho até suas casas e transmitir seus conhecimentos aos alunos de forma virtual.

Nesse contexto, sem tempo suficiente para preparo, instalou-se uma situação de desgaste advinda de diversos fatores como a contínua desvalorização profissional, a falta de recursos destinados à educação, a falta de preparo para utilizar os recursos tecnológicos, o desinteresse de alunos em realizar as atividades remotas e dos pais em relação a aprendizagem dos filhos. Fatores esses que vêm gerando a desmotivação e, conseqüentemente, o desgaste mental dos docentes (LIMA *et al.*, 2020).

Diante de todas essas consequências, e avaliando a situação atual vivenciada pelos docentes estaduais da educação básica do Rio Grande do Norte (RN), especificamente; mostra-se essencial o estudo do indicativo de TMC desse grupo ocupacional, de modo a possibilitar a identificação de possíveis fatores associados à pandemia e ao ensino remoto. Cabe ressaltar, que, a educação básica compreende a educação infantil (creche e pré-escola – 0 aos 5 anos), ensino fundamental (anos iniciais e anos finais – 6 aos 14 anos) e ensino médio (1º ao 3º ano – 15 aos 17 anos) (BRASIL, 1996). No entanto, quando se refere a educação básica, o RN oferta somente os níveis de ensino fundamental e médio, nos quais os docentes desses níveis serão objeto deste estudo.

Neste sentido, demarca-se como pergunta de partida desta pesquisa: **Qual o indicativo de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre docentes da educação básica da rede estadual de ensino do RN, diante do ensino remoto em meio a pandemia de Covid-19?**

1.2 OBJETIVOS

Com a finalidade de responder o problema da pesquisa, será necessário atingir os seguintes objetivos.

1.2.1 Objetivo geral

Analisar o indicativo de Transtornos Mentais Comuns entre docentes da educação básica da rede estadual do RN, durante o ensino remoto na pandemia de Covid-19.

1.2.2 Objetivos específicos

- Traçar o perfil dos docentes da educação básica da rede estadual de ensino do RN;
- Mensurar o indicativo de TMC em docentes da educação básica da rede estadual do RN;
- Investigar as possíveis relações entre o indicativo de TMC e o perfil docente;
- Avaliar o ensino remoto/pandemia como fator de surgimento ou agravamento do TMC em docentes da educação básica da rede estadual do RN;
- Comparar os níveis de prazer e de dificuldade que os docentes sentiram ao lecionar, antes e durante o ensino remoto/pandemia.

1.3 JUSTIFICATIVA

Este estudo tem a intenção de verificar se possíveis sintomas de TMC em docentes têm surgido e/ou se agravado, podendo prejudicar o bem-estar e a atividade laboral desses profissionais. Portanto, torna-se importante analisar o indicativo de TMC entre docentes da educação básica da rede estadual do RN, durante o ensino remoto na pandemia de Covid-19; visto que, o período pandêmico trouxe inúmeros impactos para a educação e, consequentemente, para a vida dos docentes (MACHADO, 2017).

Para a sociedade, o presente estudo é significativo por divulgar como está a situação mental dos docentes, bem como por constatar os possíveis danos que a pandemia os tem causado. Ademais, os docentes, por estarem diretamente relacionados com a educação das crianças, jovens e adultos exercem forte influência na vida dos diferentes grupos que formam a sociedade.

Para o Governo do RN e para as instituições de ensino do Estado, os resultados deste estudo podem subsidiar a inserção de políticas públicas que promovam a saúde mental dos docentes. Tendo em vista que o adoecimento mental acarreta em prejuízos que são sentidos não apenas pelo profissional, mas também pelas instituições de ensino. Além disso, o adoecimento desses profissionais tende a gerar custos com o absenteísmo, rotatividade, presenteísmo, licença médica, afastamento e até abandono do trabalho; como também possíveis implicações nas

relações interpessoais e na qualidade de ensino que o docente passa a ofertar (CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020a).

Nas organizações, os custos causados pelo TMC devem servir como indícios para que seja feito um monitoramento de como anda a política de gestão de pessoas e a partir daí traçar estratégias de promoção à saúde dos docentes; visto que uma das principais causas para afastamento por longos períodos são os transtornos mentais (BASTOS *et al.*, 2018). No Brasil, só em 2020, os afastamentos causados por transtornos mentais e comportamentais, conforme a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), ocuparam o quarto lugar na lista de benefícios concedidos, com mais de quatro mil casos (OBSERVATÓRIO DE SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO, 2020a). No RN, a concessão total de benefícios decorrentes de transtornos mentais e comportamentais ocupou o primeiro lugar com 155 casos. Entre os docentes do RN, os transtornos mentais são a segunda causa de afastamento, dentre eles a depressão e a ansiedade são os que apresentam uma maior frequência de notificações (OBSERVATÓRIO DE SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO, 2020b).

Constata-se também que, por ser a Covid-19 uma doença nova e desconhecida, não existem (ou ainda são insuficientes) pesquisas que relacionam pandemia de Covid-19, o indicativo de TMC e como isso tem afetado docentes da educação básica da rede estadual do RN. Em pesquisas realizadas por meio de buscadores acadêmicos realizada no mês de maio de 2022, utilizando a base de dados do Google Acadêmico e da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), com os seguintes termos de busca: “pandemia” or “covid” and “TMC” and “docente” or “professor” and “educação básica”, e limite temporal de 2020 a 2022, encontraram-se 25 trabalhos. Contudo, quando acrescido do termo “Rio Grande do Norte”, o número de trabalhos encontrados diminuiu para três. Desses trabalhos, observou-se que nenhum trazia todos os termos pesquisados; tampouco analisaram todas as variáveis deste estudo. Portanto, é pertinente que se estude e se aprofunde sobre os motivos relacionados à pandemia que podem estar acarretando o desenvolvimento de TMC em docentes deste Estado.

Pelo exposto, espera-se que os resultados deste estudo possam apresentar um panorama da atual situação dos servidores da educação básica, no ensino remoto/pandemia, em relação ao indicativo de TMC. Como também, venham a beneficiar as instituições de ensino do Estado e seu corpo docente, assim como o Governo do RN. Ademais, espera-se também que os resultados deste estudo possam contribuir com a melhoria da qualidade de vida e bem-estar no trabalho docente. Além disso, que possam contribuir com a literatura sobre o tema para uma melhor compreensão do atual contexto vivenciado pelos docentes do Estado do RN.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Para uma melhor compreensão, este trabalho foi sistematizado, além deste capítulo introdutório, em mais quatro capítulos, da seguinte forma. No segundo capítulo, consta o referencial teórico que traz o panorama da pandemia de Covid-19 e do trabalho docente no ensino remoto; além de descrever o conceito de TMC, os sintomas, suas causas e as implicações destes durante o ensino remoto na pandemia. No terceiro capítulo estão os procedimentos metodológicos que especificam: o delineamento da pesquisa; a população de estudo e a amostra; os instrumentos utilizados para a obtenção de dados; a fonte e coleta dos dados e as estratégias de análises. No quarto capítulo, são elucidados os resultados alcançados nesta pesquisa e sua subsequente discussão, à luz dos autores estudados. Por fim, o quinto capítulo apresenta as considerações finais do estudo, trazendo uma breve discussão sobre os principais resultados do estudo, as contribuições, as limitações para sua realização, além de recomendações para estudos futuros sobre a temática.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta um embasamento teórico de diversos autores sobre o trabalho docente no Brasil, assim como no Rio Grande do Norte, levando em consideração o cenário pandêmico e de aulas remotas. Também trata da questão dos Transtornos Mentais Comuns (TMC) e os relacionam com a vivência do docente nos cenários já mencionados.

2.1 O TRABALHO DOCENTE

Este tópico contém um breve relato sobre o trabalho docente no Brasil. Para tanto, traz a diferença entre o Ensino a Distância (EaD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE), descreve a situação da educação básica na pandemia, além disso, mostra como o ensino remoto aconteceu no Brasil, mais especificamente no RN.

2.1.1 Trabalho docente no Brasil

As mudanças ocorridas no mundo corporativo, nos últimos tempos, vêm trazendo a precarização do trabalho em diversos setores, no âmbito educacional não tem sido diferente. Os profissionais da educação há muito tempo vêm sofrendo com reformas educacionais e trabalhistas desfavoráveis. E refletir sobre o papel do docente constitui de um tema muito relevante e sua importância é incontestável, sendo que ele abrange os mais diversos aspectos – culturais, sociais, políticos e econômicos – que juntos reverberam de modo significativo no dia a dia do docente e em sua prática (GONÇALVES; SILVEIRA; KIMURA, 2015).

São questões que estão levando, de forma direta ou indireta, à falta de interesse dos indivíduos em seguir na carreira docente. Essas questões perpassam pela precarização do trabalho, pressão por requalificação profissional, falta de apoio da família do estudante, falta de recursos, infraestrutura inadequada, pouco reconhecimento ou recompensa, inadequação e/ou falta de planos de cargos e salários, turmas superlotadas, violência nas escolas, cargas horárias

exorbitantes, salários que não condizem com o esforço despendido, muitas demandas burocráticas, falta de autonomia docente; além de tudo isso, tem também outras dificuldades existentes dentro da sala de aula (GONÇALVES; SILVEIRA; KIMURA, 2015).

Nesse sentido, os profissionais da educação que estão em melhores condições de trabalho são os docentes de universidades públicas e com vínculos efetivos, que comparados aos de educação básica ou de instituições privadas, possuem vantagens (melhores salários, plano de carreira e status social) que não são ofertados aos profissionais de ensino básico (CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020a). Se for comparar os docentes de educação básica e pública com os de instituições privadas, os primeiros têm a vantagem de ter um maior salário e o vínculo com estabilidade garantida, já os docentes da rede privada possuem melhores condições de exercer suas práticas, já que as instituições privadas, em sua maioria, dispõem de excelentes recursos didáticos e infraestruturas (NAIF *et al.*, 2010).

2.1.2 Ensino a Distância (EaD) versus Ensino Remoto Emergencial (ERE)

A Educação a Distância ou Ensino a Distância (EaD) é uma modalidade de ensino já bastante difundida no Brasil, principalmente nos níveis superior e de capacitação profissional (BARRETO; ROCHA, 2020), mas que não deve ser confundida com o Ensino Remoto Emergencial (ERE) - modalidade de ensino utilizada pelas escolas no momento de crise pandêmica - por isso torna-se necessário diferenciá-los.

O EaD se refere a uma modalidade de ensino que vem sendo estudada há décadas por possuir uma concepção didático-pedagógica própria, que conta com uma equipe multiprofissional que deve estar preparada para ofertar conteúdos e atividades pedagógicas com um *design* que se adequam aos aspectos gerais e específicos do conhecimento de cada área; deve assim, contar com recursos e tecnologias de informação e comunicação que permitam a interação aluno-docente/tutor nos mais diversos ambientes e horários, além de possibilitar a avaliação do processo evolutivo do discente (BEHAR, 2020).

Todavia, apesar da possibilidade de interação que a EaD permite, a maioria dos cursos dessa modalidade são desenvolvidos praticamente sem que haja a interação síncrona (que acontece em tempo real) entre os alunos e docentes, pois muitas vezes essas funções são atribuídas aos tutores da turma (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020). Outra

característica da EaD, se relaciona ao fato de que nela o estudante tem flexibilidade de horário, ou seja, ele é quem escolhe os horários de aulas de acordo com sua disponibilidade.

Em contrapartida, o ERE “é uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise” (HODGES *et al.*, 2020, p. 10). Dessa forma, como consequência da pandemia, o ERE tornou-se uma indispensável alternativa para as instituições de educação em todos os níveis de ensino. O termo “remoto” é devido à distância física que separa alunos e docentes, e “emergencial” é devido a situação de emergência que se instalou, invalidando os planejamentos pedagógicos feitos para o ano letivo afetado pela crise (BEHAR, 2020).

Nessa modalidade de ensino, os docentes têm participação ativa no desenvolvimento das aulas, pois, além da interação com os alunos, é necessário o planejamento, organização e postagem dos vídeos, atividades e tarefas a serem realizadas e a correção destas após a devolutiva dos alunos (BEHAR, 2020). Essa forma de ensino traz basicamente os princípios do ensino presencial, suas aulas são feitas de forma síncrona por sistema de webconferência, com a possibilidade de uma maior interação entre docente-aluno, o que pode ser benéfico para os alunos, principalmente para as crianças, já que essas possuem pouca autonomia na hora das atividades escolares. Há também atividades que são realizadas de forma assíncrona (que acontece sem a necessidade de uma interação em tempo real), usadas muitas vezes para a publicação e realização de tarefas que não necessitam de intervenção direta do docente, como fóruns de discussão.

2.1.3 Educação em tempos de pandemia

Com o ensino remoto, os docentes que antes estavam acostumados com o dia a dia na sala de aula presencial foram obrigados de um dia para o outro a se reorganizar. Eles tiveram que transferir os conteúdos de forma adaptada para as plataformas virtuais, convertendo para o ambiente *online* suas metodologias e práticas que antes eram concebidas para o ambiente físico (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020).

Cabe ressaltar que, devido à falta de universalização de acesso e às condições críticas que o ensino no Brasil vem enfrentando há séculos, não eram todos os docentes que estavam preparados ou capacitados profissionalmente para fazer uso das Tecnologias Digitais da

Informação e Comunicação (TDICs), alguns docentes sequer faziam esse uso de forma pessoal (MELO; DIAS; VOLPATO, 2020).

O momento de pandemia e distanciamento social “deu a quem for letrado digitalmente o *status* de deus” (MILL; FIDALGO, 2015, p. 198), pois estavam mais capacitados para lidar com o momento e romper as barreiras impostas pela nova realidade. Entretanto, mesmo dentre aqueles docentes que possuíam pouco ou nenhum conhecimento, precisaram continuar realizando suas atividades laborais, e para isso tiveram que abandonar sua “vulnerabilidade digital e buscarem a competência da educação digital, a partir de ferramentas que garantam o magistério” (MELO; DIAS; VOLPATO, 2020, p. 6).

Em alguns casos, não são apenas os docentes, mas também os estudantes e seus familiares, que não estão sabendo lidar com as TDICs. A falta de familiaridade com as plataformas que estão sendo utilizadas para as aulas virtuais, como *Google Meet*, *Google Classroom*, *Zoom*, entre outras, são motivos de angústias de todos os envolvidos no processo. Somando-se ainda às dificuldades que os pais têm em auxiliar os seus filhos nas atividades propostas pelos docentes.

Além da falta de conhecimento digital de ambas as partes, outro fator que dificultou a realização do ensino remoto foi a falta de recursos tecnológicos, tanto por parte dos docentes quanto dos alunos. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, mostrou que “enquanto, 4,1 milhões de estudantes da rede pública de ensino não tinham acesso ao serviço, apenas 174 mil alunos do setor privado não tinham conexão à rede mundial de computadores” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021, n.p.).

Se elevar ao nível mundial, pode-se perceber que a desigualdade social e econômica é tão impactante, que mesmo um ano após o início da pandemia, quase um terço da população estudantil mundial ainda não havia conseguido ter acesso ao ensino remoto (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2021).

A escassez de equipamentos e/ou acesso à internet inviabilizou que muitos alunos pudessem participar das aulas remotas. Levando isso em consideração, é notório os impactos sentidos pelos estudantes do sistema público de educação (BARRETO; ROCHA, 2020). Ou seja, devido à vulnerabilidade socioeconômica, que afeta principalmente os alunos de escola pública, expõe-se a necessidade de reflexão sobre o ensino remoto como uma solução viável para atender a demanda educacional do momento.

Ainda que algumas escolas estejam viabilizando o ensino remoto emergencial, há ainda aquelas escolas, principalmente as públicas, que devido a diversos fatores, dentre eles a falta de

acesso aos meios digitais dos alunos e a falta de disponibilidade da família, não conseguiram implantar o ensino remoto como solução para o momento. Para isso, as escolas colocam em prática outras estratégias e recursos que variam de acordo com a realidade do aluno ou da escola, a mais comum é a entrega ao aluno de *kits* com atividades impressas pela a escola, livros e materiais diversos (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020).

Além dos meios digitais e impressos, os segmentos radiofônicos e televisivos foram importantes aliados no ensino remoto. Tanto no rádio quanto na televisão, as aulas eram gravadas e exibidas por canais e emissoras que prestavam serviços aos estados e municípios, levando aos estudantes com pouco ou nenhum acesso à internet o conteúdo e atividades escolares.

Com essa prática, fica inviável uma maior interação docente-estudante na hora da realização das atividades. Nela, a escola e o docente são responsáveis por planejar, imprimir, entregar as atividades e fazer a correção após a devolutiva dos alunos; ficando para a família a responsabilidade de executar as atividades junto com os estudantes, ou seja, nesse modelo a família faz o papel do docente. Essa prática foi denominada como escolarização à domicílio e é “movida por um sentimento que não podemos perder tempo” (LOCKMANN; TRAVERSINI, 2021, p. 466).

Somando-se às inquietações de questões técnicas que os docentes sofreram no início da pandemia, há ainda as preocupações relacionadas à participação e aprendizagem dos alunos (GRUPO DE INSTITUTOS, FUNDAÇÕES E EMPRESAS, 2020). A falta de contato direto com os alunos, a dificuldade em estabelecer a ligação entre os conteúdos e a nova forma de ensino, de manter as interações com os alunos, mantendo-os concentrados, participativos e motivados, torna a educação remota ainda mais desafiadora para os docentes (XIAO; LI, 2020).

Outros fatores que provocaram angústia e insegurança aos docentes estavam relacionados às questões financeiras (demissões, cortes de salários, etc.) e a pressão pública para um possível retorno das aulas presenciais antes da vacinação dos docentes (TAVARES, 2021). Além de toda cautela com a higienização, é essencial que também se assegurasse uma estrutura de apoio psicológico para todos da comunidade escolar, evitando assim que os impactos causados pela pandemia sejam ainda maiores.

2.1.4 O ensino remoto no Brasil e no RN

Quando a pandemia do coronavírus se instalou, houve a necessidade de conter o avanço da infecção pelo vírus e com isso o distanciamento social e a paralisação das atividades e serviços não essenciais, dentre eles, a suspensão de aulas presenciais nas instituições de ensino. “A pandemia de Covid-19 atingiu o setor de educação com força total, interrompendo escolas em todo o mundo e ameaçando tirar décadas de progresso feito em direção à aprendizagem.” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2021, n.p.). Só no Brasil, em 2020, o número de alunos matriculados na educação básica que tiveram suas aulas suspensas foi de 47,3 milhões de estudantes (BRASIL, 2021).

Em relação ao RN, esse número foi de quase 805 mil estudantes matriculados na educação básica de todas as redes de ensino do Estado (BRASIL, 2021); sendo 217 mil desses estudantes somente da rede pública estadual (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA, DO ESPORTE E DO LAZER DO RIO GRANDE DO NORTE, 2021a), que tiveram suas aulas presenciais suspensas em março de 2020.

Era necessário que as aulas continuassem de alguma forma para que a aprendizagem de crianças e adolescentes não fosse ainda mais prejudicada. De tal maneira que, a fim de tomar providências sobre a suspensão das aulas presenciais, mas perante as dificuldades enfrentadas naquele momento, o Ministério da Educação (MEC) lançou algumas portarias permitindo o ensino por meios digitais.

Por se tratar de uma situação inconstante, era impossível que os planos a longo e médio prazo fossem traçados, fazendo os governos e autoridades tomarem suas decisões levando em consideração o contexto de crise sanitária vivida por cada localidade naquele momento. Apesar de toda complexidade em se planejar a reabertura das instituições de ensino para o retorno das aulas presenciais, foram realizados alguns estudos e muitas discussões entre os órgãos competentes e a comunidade escolar sobre o retorno, para que fosse feito no momento correto (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2020).

2.2 TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS (TMC)

Esse tópico contempla o conceito e os sintomas dos TMC, trazendo suas principais causas, bem como os indicativos de TMC em outros estudos com docentes.

2.2.1 Conceito e sintomas

O conceito de TMC foi sistematizado por Goldberg e Huxley, em 1992, que caracterizaram os sintomas de “insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas” (CARVALHO *et al.*, 2013, p. 39), além de quadros não psicóticos, depressivos e de ansiedade. A princípio, esses transtornos não configuram como graves e também não requerem um tratamento psiquiátrico, mas ao longo do tempo eles causam bastante sofrimento e dor, chegando até gerar uma certa incapacidade aos indivíduos que os sentem.

O CID-10 classifica os TMC (CID F00 a F99) como um transtorno que apresenta queixas polissintomáticas, ou seja, que apresenta múltiplos sintomas. Apesar da variedade de sintomas, “muitas doenças psicossomáticas causadas por TMC são sentidas pelo indivíduo como transtornos osteomusculares” (MACEDO; SILVA, 2018, p. 44), por isso, é tão difícil a caracterização clínica desses sintomas físicos para TMC, ocorrendo subnotificação de casos de TMC.

Os TMC são descritos por perturbações com sintomas de ordem clínica, “nas quais estão presentes alterações do modo de pensar e do humor (emoções) e comportamentos associados com angústia pessoal e/ou deterioração do funcionamento” (CARLOTTO *et al.*, 2019, p. 21). Os principais TMC são os transtornos de humor (depressão, distúrbio bipolar, mania, etc.), transtornos neuróticos, estresse, somatoformes relacionados ao uso de substância psicoativa e esquizofrenia.

De acordo com os objetivos clínicos, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana (DSM-5), designou os TMC como:

Uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes

ao funcionamento mental. Transtornos mentais estão frequentemente associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes (DSM-5, 2014).

Ou seja, apesar de estar associado frequentemente às características de ordem psicológica, podendo ocasionar a alteração do humor e dos pensamentos, estimulando tristeza excessiva e angústia permanente; os TMC afetam também a parte biológica, atrapalhando a vida pessoal, social e profissional do indivíduo (NEME; LIMONGI, 2019).

Quando não tratados, os transtornos passam a oferecer um risco maior àquele que o sente, gerando além dos sintomas mentais, sintomas físicos que são resultantes dos fatores psicossomáticos não tratados. Em meio a esse processo, o trabalhador perde o entendimento no sentido do seu trabalho, resultando no desgaste mental e outros transtornos associados (MACHADO, 2017).

No modelo de desgaste mental de Seligmann-Silva está relacionado à “ideia de consumo de energia vital do trabalhador e de desigualdade entre poderes na relação de trabalho” (MACHADO, 2017, p. 13). O modelo considera a existência de três níveis: o desgaste literal, o mal-estar e a subjetividade do indivíduo. O primeiro sendo caracterizado por um dano cerebral causado por agentes neurotóxicos; o segundo é o mal-estar, a fadiga mental e física; o terceiro é quando o indivíduo não consegue ver um sentido no trabalho; nesse nível, o desgaste já atingiu os valores e crenças que o indivíduo possui (MACHADO, 2017).

2.2.2 Causas

As transformações ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas vêm modificando o perfil epidemiológico de trabalhadores de todo o mundo. A reestruturação produtiva crescente e globalizada, das condições precárias de trabalho, instabilidade no emprego, metas difíceis de serem alcançadas, trabalhos extremamente monótonos, percepção de trabalho “sem importância”, violência no trabalho, baixos salários, dentre outros aspectos, vem causando o adoecimento do trabalhador (MACHADO, 2017).

As doenças ocupacionais que outrora estavam associadas a traumas físicos, hoje abrem espaço para as doenças e transtornos mentais. Estes transtornos mentais estão relacionados a diversos fatores, dentre eles está a sobrecarga de trabalho e seu ritmo exaustivo, além dos conflitos no ambiente de trabalho (MACHADO, 2017).

Desse modo, vários fatores propiciam o desgaste mental entre os profissionais de educação. A insatisfação na execução das atividades, a falta de reconhecimento, o desgaste nas relações docente-aluno-família e nas relações com os colegas de trabalho, baixos salários, cargas horárias extenuantes, falta de recursos didáticos, além das péssimas condições estruturais das escolas; são alguns dos estressores que levam os docentes a níveis significantes de TMC. Posto isto, ficou evidente que “o trabalho realizado em situação de alta exigência, envolvendo alta demanda psicológica e baixo nível de controle sobre o trabalho, estava associado à maior prevalência de TMC” (CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020a, p. 13). Devido a todos esses aspectos, o trabalho docente passou a ser alvo de diversos estudos que avaliam o indicativo e os fatores que estão associados aos TMC. Pois, ele é considerado como “uma profissão de alto risco, ocupando o segundo lugar em categoria profissional no mundo a adquirir doenças ocupacionais.” (MACHADO, 2017, p. 12).

O luto, o medo, a solidão causada pelo distanciamento social e a perda de renda estão desencadeando problemas de saúde mental ou intensificando os existentes. Esses estressores surgiram ou se agravaram em meio ao cenário de incertezas promovido pela pandemia.

No curto período de tempo em que a pandemia se expandiu, ocorreu aumento da prevalência de Transtornos Mentais Comuns (TMC), especialmente fadiga e agressividade, estresse agudos, episódios de pânico, a manifestação de preditores de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), depressão e ansiedade, não apenas nos profissionais, mas na população, de modo geral (CRUZ *et al* 2020, p. 1).

Esse aumento dos TMC vem sendo gerado principalmente pelos efeitos do distanciamento social nas relações interpessoais, nas rotinas e atividades diárias das pessoas, além da instabilidade financeira que muitos vêm passando. O fato de não saber lidar com esse momento crítico, leva algumas pessoas a recorrer a meios não saudáveis, uso de álcool ou drogas por exemplo, na busca do enfrentamento da situação (VASCONCELOS *et al.*, 2020).

De modo geral, “essa prevalência é positivamente associada à exposição constante de notícias sobre a doença em mídias sociais” (CRUZ *et al.*, 2020, p. 1). Ao passo que a propagação de *fake news* trazidas pelas mídias sociais podem provocar histeria e pânico coletivo, estas mesmas mídias sociais também serviram de suporte para acesso aos serviços de saúde mental. Foi por meios virtuais que nesse período de distanciamento social foi possível realizar videoconferência e fazer aconselhamento psicológico com especialistas. No entanto, cabe ressaltar, a importância e necessidade da produção e divulgação de notícias verdadeiras e confiáveis evitando assim as *fake news*, que trazem impactos negativos na vida das pessoas.

Mesmo com o surgimento ou o agravamento dos TMC durante a pandemia, é fato que a saúde ocupacional dos profissionais da educação há muito tempo vem sendo motivo de preocupações, principalmente pelo estilo de vida, ocasionado pelo fato das múltiplas jornadas de trabalho que esses profissionais cumprem para tentar manter sua condição financeira estável (CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020b).

O ensino virtual, que inicialmente se mostrava como uma “promessa de flexibilização dos tempos e espaços para sobrar mais tempo livre para o convívio social” (MILL; FIDALGO, 2015, p. 214), revelou-se como uma falsa promessa, já que as demandas de trabalho dos docentes tiveram um aumento significativo e sem uma delimitação clara do que é tempo de trabalho e tempo de descanso, agora ele “converte-se numa sobrecarga de atividades e no uso do tempo de descanso como tempo de produção” (MILL; FIDALGO, 2015, p. 214).

A sobrecarga de trabalho, o estresse familiar ocasionado devido ao trabalho em casa, a inexistência de apoio emocional e psicológico dado ao docente, a forte pressão que os docentes vêm sofrendo por diferentes frentes, a dificuldade em conseguir continuar com as aulas remotas, mesmo com diferentes situações de escassez de recursos e de conhecimentos tecnológicos, vêm formando um conjunto de fatores que simbolizam uma concepção negativa do trabalho docente (CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020a).

2.2.3 Indicativos e estudos sobre o tema

A questão da saúde mental sempre foi tratada com um certo preconceito, tanto que “é uma das áreas mais negligenciadas da saúde pública” (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020a, n.p.), assim, pouco se fala sobre o adoecimento mental no ambiente laboral. Quando se trata de doenças com queixas físicas, o nexos causal com o trabalho parece está associado sem muitos questionamentos, no entanto, quando se trata de doenças mentais relacionadas ao trabalho, essas questões se tornam mais complexas (GIROTTI; DIEHL, 2016). O estigma social que é associado aos transtornos mentais inibe as pessoas de buscarem ajuda especializada, prejudicando um diagnóstico preciso sobre os transtornos e no rastreamento dos dados de indicativos.

A escassez de conhecimento, de recurso e de profissionais capacitados são ainda os grandes obstáculos que os indivíduos enfrentam na busca de um tratamento eficaz. Devido a isso, mais de 75,0% das pessoas que moram em países de baixa e média renda e que sofrem de

algum tipo de transtorno mental não recebem nenhum tipo de tratamento para sua condição mental, com a pandemia o acesso aos serviços ficou ainda mais restrito (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020a). Esse tipo de serviço chegou a ser interrompido em 93,0% dos países, já que a maior parte dos recursos financeiros foram alocados no tratamento a Covid-19. Em virtude desse baixo nível de reconhecimento sobre os transtornos e da falta de acesso aos tratamentos, somente com depressão e ansiedade, a perda econômica global é estimada em mais de um trilhão de dólares por ano (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020b).

Quando se fala em adoecimento mental os números são significativos, pois retratam uma realidade que afeta indivíduos de todos os lugares. Dentre a população mundial “quase 1 bilhão de pessoas vivem com transtorno mental, 3 milhões de pessoas morrem todos os anos devido ao uso nocivo do álcool e uma pessoa morre a cada 40 segundos por suicídio” (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020a, n.p.). Entre os principais transtornos relacionados aos TMC, está a depressão. Esse transtorno atinge cerca de 322 milhões de pessoas de todas as idades em todo o mundo, atingindo em sua maioria as mulheres. No Brasil, a depressão acomete cerca de 5,8% da população, já o transtorno de ansiedade atinge 9,3% da população brasileira (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2017).

Os estudos feitos demonstram que a taxa de indicativos de TMC é expressiva e merece que o assunto seja tratado com cautela e com políticas que visem a qualidade de vida no trabalho (CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020a). No Brasil, alguns estudos sobre a temática revelam o indicativo de TMC em docentes: da rede municipal de Uberlândia (43,9%) (MACHADO, 2017), da rede particular de ensino de Vitória da Conquista (41,5%) (DELCOR *et al.*, 2004); da rede municipal de Bauru (36,0%) (CARRARO, 2015), e docentes de um município da região metropolitana de Porto Alegre (11,0%) (CARLOTTO *et al.*, 2019). Esses estudos são conduzidos por análises de prontuários ou por cortes transversais.

Devido às altas taxas de indicativos de TMC na população de modo geral, e especificamente entre os docentes, se faz urgente a adoção de medidas que visem a conscientização sobre os transtornos e a criação de redes de apoio no ambiente escolar, mediante cartilhas explicativas, exames periódicos, acompanhamento terapêutico, campanhas e eventos sobre o tema, dentre outras ações (CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020a).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo consta o delineamento da pesquisa, a descrição da população de estudo e da amostra, os instrumentos utilizados para a obtenção dos dados, o detalhamento da coleta dos dados e das estratégias de análises.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Visando analisar o indicativo de TMC entre docentes da educação básica da rede estadual do RN, durante o ensino remoto na pandemia de Covid-19, esta pesquisa se caracteriza pela utilização do método quantitativo, com objetivos descritivos e que teve como forma de obtenção dos dados um levantamento (*survey*).

A pesquisa está baseada no paradigma Positivista, dado que neste tipo de paradigma somente a existência dos fatos são considerados e nele os conceitos e ideias são operacionalizadas e transformadas em uma ou mais variáveis para que possam ser observadas e mensuradas de forma objetiva. Por isso, os métodos que são utilizados neste tipo de paradigma, proporcionam ao pesquisador um maior controle sobre o assunto pesquisado (SACCOL, 2009).

Do ponto de vista dos objetivos, esta pesquisa se caracteriza como descritiva. A pesquisa descritiva é utilizada “quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles” (PRODANOV; FREITAS, 2013 p. 52). Esse tipo de pesquisa é muito empregado nas ciências humanas e sociais, que tem como propósito estudar as características de um determinado grupo, por exemplo, o estado de saúde física e mental (PRODANOV; FREITAS, 2013). Como é o caso do presente estudo, no qual se apresentam como sujeitos do estudo os docentes e a análise do indicativo de TMC relacionada.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa classifica-se como um levantamento (*survey*) de corte transversal, posto que os dados foram coletados em um determinado período (SAMPIERI *et al.*, 2013). O levantamento foi feito por meio da aplicação de questionários aos sujeitos que se pretende obter as informações para análise: os docentes da educação básica da rede estadual do RN.

Do ponto de vista da abordagem, a pesquisa está classificada como quantitativa. Para o estudo quantitativo tudo é quantificável, por isso, utiliza-se de recursos estatísticos. Nesse tipo de metodologia, as informações obtidas são traduzidas em números com a finalidade de classificar e assim, analisá-las (PRODANOV; FREITAS, 2013). Este estudo buscou verificar o indicativo de TMC entre uma amostra de docentes representativa; sendo necessário um quantitativo mínimo e suficiente para representar a população, possibilitando que conclusões sobre os resultados possam ser tomadas.

3.2 POPULAÇÃO, AMOSTRA E PROCESSO DE AMOSTRAGEM

A população em estudo é composta por 12.855 docentes de escolas públicas e da educação básica da rede estadual do RN, que estavam ocupando o cargo de docente no ano de 2020 (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA, DO ESPORTE E DO LAZER DO RIO GRANDE DO NORTE, 2021b) distribuídos em quase 600 escolas que fazem parte das 16 Diretorias Regionais de Educação e Cultura (DIRECs) que o Estado possui.

É praticamente inviável aplicar o questionário com toda a população do estudo, por isso foi feito um procedimento estatístico para calcular uma amostra significativa, os resultados obtidos irão representar a população pesquisada, sempre levando em consideração uma margem de erro (GIL, 2008). Para esse estudo, a amostra se caracteriza como probabilística com população finita e foi selecionada de forma aleatória simples.

Para se encontrar o tamanho da amostra, utilizou-se a fórmula do Cálculo Amostral, pelo método do nível de confiança e margem de erro (OCHOA, 2013). Tal fórmula é composta pelo tamanho da população da pesquisa (N), nível de confiança (Z), margem de erro (e) e pelo o valor da verdadeira probabilidade do evento (p).

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1-p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1-p) + e^2 \cdot (N-1)} \quad (1)$$

Para esta pesquisa foi definida uma margem de erro de 6,0% e um nível de confiança de 95,0%. Com base no cálculo amostral foi encontrado um resultado de 262 docentes, este é o número mínimo para considerar a amostra representativa. A pesquisa contou com a participação

de 283 docentes, portanto, o critério da quantidade mínima de participantes para compor a amostra foi atendido.

3.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Para alcançar os objetivos propostos neste estudo, utilizou-se de dois instrumentos de pesquisa: o Questionário Sociodemográfico e Ocupacional (QSDO) e o *Self-Reporting Questionnaire-20* (SRQ-20).

O QSDO possui questões fechadas, abertas e do tipo escala de Likert. No total, o questionário QSDO possui 27 questões, foi desenvolvido especificamente para esta pesquisa e está inserido no Apêndice A deste trabalho.

As questões fechadas, feitas a partir de variáveis sociodemográficas e ocupacionais, têm o objetivo de traçar o perfil dos docentes da educação básica estadual do RN. Essas questões tratam sobre: sexo, idade, estado civil, se possui filhos, se leciona em alguma outra rede de ensino (além da estadual), quantidade de escola que leciona, turno que leciona, nível de ensino que leciona, tipo de vínculo, se reside na cidade que leciona, localização da escola que leciona, há quanto tempo leciona, alteração salarial durante a pandemia, experiência com ensino remoto/EaD, modalidade que prefere no pós-pandemia, se os sintomas surgiram durante o ensino remoto/pandemia, se os sintomas agravaram durante o ensino remoto/pandemia.

As questões abertas desse instrumento tratam sobre: motivo que levou ao surgimento e agravamento dos sintomas, sentimento quanto atuação docente no ensino remoto/pandemia, principais dificuldades no ensino remoto/pandemia.

As questões tipo escala de Likert têm como objetivo comparar os níveis de prazer e de dificuldade que os docentes sentiram ao lecionar, antes e durante o ensino remoto/pandemia. Neste estudo, as escalas de Likert com cinco pontos são formadas por questões que se referem ao nível de prazer (1 = “Nada prazeroso” a 5 = “Totalmente prazeroso”) e nível de dificuldade (1 = “Nenhuma dificuldade” a 5 = “Muitíssima dificuldade”).

Além deste instrumento, foi utilizado também o SRQ-20, com o objetivo de mensurar o nível de indicativo de TMC em docentes da educação básica da rede estadual do RN. O SRQ-20 foi elaborado por Harding e colaboradores (1980), validado para uso no Brasil por Mari e Williams (1986). O questionário é recomendado pela OMS como um teste multidimensional

capaz de avaliar as condições de saúde mental, especificamente rastreamento de transtornos não-psicóticos (BUENO, 2016).

Por tratar-se de um instrumento para rastreamento, e não diagnóstico, a determinação do ponto de corte para detecção de casos, com respectivas sensibilidade e especificidade, precisa ser feita por meio da comparação com o padrão-ouro, isto é, entrevista psiquiátrica padronizada (GONÇALVES; STEIN; KAPCZINSKI, 2008, p. 381).

Ou seja, apesar de ser recomendado pela OMS, principalmente para ser utilizado nos países em desenvolvimento devido seu custo reduzido, o teste não traz o diagnóstico de TMC, apenas um indicativo de um processo de adoecimento mental. O teste possui 20 questões dicotômicas (sim ou não), que investiga as alterações físicas e psicoemocionais com base na presença desses sintomas nos últimos 30 dias e está inserido no Anexo deste trabalho.

O instrumento avalia quatro fatores no grupo de sintomas; classificados por Iacoponi e Mari (1989) em: presença de humor depressivo-ansioso, sintomas somáticos, decréscimo de energia vital e pensamentos depressivos (CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020b). O Quadro 1 apresenta os itens do SRQ-20 distribuídos nos quatro fatores do grupo de sintomas.

Quadro 1 - Estrutura dos quatro fatores do SRQ-20

Fatores	Itens do SRQ-20
Presença de humor depressivo-ansioso	Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)? Assusta-se com facilidade? Tem se sentido triste ultimamente? Tem chorado mais do que de costume?
Sintomas somáticos	Você tem dores de cabeça frequente? Dorme mal? Tem sensações desagradáveis no estômago? Tem má digestão? Tem falta de apetite? Tem tremores nas mãos?
Decréscimo da energia vital	Você se cansa com facilidade? Tem dificuldades para tomar decisões? Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias? Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, causa-lhe sofrimento?) Sente-se cansado(a) o tempo todo? Tem dificuldades de pensar com clareza?
Pensamentos depressivos	É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida? Tem perdido o interesse pelas coisas? Tem tido ideia de acabar com a vida? Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?

Fonte: Adaptado de Iacoponi e Mari (1989)

Importante salientar que, além dos instrumentos apresentados, para atender a Resolução nº 510/16 (BRASIL, 2016), os participantes tiveram que ler e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que está inserido no Apêndice B.

3.4 FONTE E COLETA DE DADOS

Os instrumentos e o TCLE foram disponibilizados na plataforma *Google Forms* e os dados foram coletados entre os meses de março e abril de 2021. Para a coleta dos dados, inicialmente foi feito contato com as DIRECs solicitando os *e-mails* das escolas estaduais que estavam circunscritas na sua Regional. De posse dos contatos das escolas, foi enviado por *e-mail* o *link* do questionário, junto com a solicitação de divulgação da pesquisa para os docentes lotados na respectiva escola, para assim alcançar um maior número de docentes possível. Alguns *e-mails* repassados estavam inativos ou errados, portanto, não foi possível alcançar todas as escolas do Estado. Como ação complementar para distribuição dos *links* dos questionários, também se utilizou de grupos das redes sociais *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. No *WhatsApp*, nos grupos de docentes; no *Facebook* em grupos diversos (como por exemplo: Professores do Estado do RN, Professores da rede estadual/RN, Professores da Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer (SEEC)/RN, Aprovados no concurso SEEC/RN 2015/2016, etc.); e, no *Instagram* nos perfis de algumas escolas estaduais do RN.

Ao final da pesquisa, obteve-se como resultado o total de 358 questionários respondidos, dos quais 283 foram validados, já que 75 foram excluídos, pois não foi atendida a questão “Você é docente da educação básica da rede estadual de ensino do RN?”, que era primordial, pois dava embasamento para que o respondente continuasse respondendo a pesquisa. Importante salientar que o questionário foi preenchido por docentes que residem nas quatro regiões do RN: Oeste (120, 42,0%), Central (50, 18,0%), Agreste (27, 10,0%) e Leste (85, 30,0%); e assim, a amostra deste estudo abrangeu todo o Estado.

3.5 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISES

Após a aplicação dos questionários, baixou-se a planilha do MS-Excel gerada pela plataforma do *Google Forms*, codificaram-se todas as perguntas e respostas coletadas, de forma numérica. Em seguida, a planilha foi transportada para o software estatístico IBM *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 27.

Para traçar o perfil e mensurar o nível de indicativo de TMC dos respondentes foram feitas análises descritivas de frequências e percentuais. Para investigar as possíveis relações entre o indicativo de TMC e o perfil docente, bem como o seu surgimento ou agravamento durante a pandemia, foram feitos Testes Qui-Quadrado (χ^2) de independência, visto que esse teste relaciona as variáveis categóricas e visa descobrir se existe um relacionamento ou associação entre elas. Para comparar os níveis de prazer e de dificuldade que os docentes sentiram ao lecionar antes e durante a pandemia, foram feitos Testes t de *Student* que avalia a existência de uma diferença significativa entre as médias das duas condições (antes e durante a pandemia) (DANCEY; REIDY, 2006).

O perfil dos docentes foi traçado baseado nas variáveis categóricas e numéricas, ambas analisadas pela distribuição de frequência. No entanto, devido ao teste do Qui-Quadrado não aceitar menos de cinco frequências esperadas, assim como também, não aceitar variáveis numéricas (DANCEY; REIDY, 2006), foi preciso fazer novos agrupamentos e transformar essas variáveis em categóricas.

Portanto, após o agrupamento, as variáveis categóricas ficaram da seguinte forma: sexo (“masculino” e “feminino”), a variável idade foi reagrupada com base na Geração Comportamental (ROBINS; JUDGE, 2020) (25 a 34 anos: “Geração *Millennials*”, 35 a 49 anos: “Geração X” e 50 a 66 anos: “Geração *Baby-boomers*”), o estado civil foi reagrupado e reclassificado em situação conjugal (casado e união estável: “com companheiro(a)” e divorciado, separado e viúvo: “sem companheiro(a)”), se possui filhos (“sim” e “não”), a variável que antes era “se leciona em alguma outra rede de ensino” foi reclassificada em quantidade de vínculo empregatício (“rede estadual” e “rede estadual e outras redes”), quantidade de escola que leciona (“um” e “mais de uma”), turno que leciona foi reclassificado em quantidade de turno que leciona (“um” e “mais de um”), nível de ensino que lecionam reclassificada em quantidade de nível de ensino que leciona (“um” e “mais de um”), tipo de vínculo (“efetivo” e “temporário”), se reside na cidade que leciona (“sim” e “não”), localização da escola que leciona (“zona urbana” e “zona rural”), há quanto tempo leciona (“até 10 anos” e

“acima de 10 anos”), alteração salarial durante a pandemia (“não”, “sim, para mais” e “sim, para menos”), experiência com ensino remoto/EaD (“sim” e “não”), modalidade que prefere no pós-pandemia (“presencial” e “ensino remoto/híbrido”), se os sintomas surgiram durante o ensino remoto/pandemia (“sim” e “não, já havia sentido antes”) e se os sintomas se agravaram durante o ensino remoto/pandemia (“sim” e “não, permaneceu igual”).

Para as variáveis nível de prazer antes e durante o ensino remoto/pandemia, tiveram como opção uma escala Likert que variava de 1 = “Nada prazeroso” a 5 = “Totalmente prazeroso”, e as variáveis nível de dificuldade antes e durante do ensino remoto/pandemia também tiveram como opção uma escala Likert que variava de 1 = “Nenhuma dificuldade” a 5 = “Muitíssima dificuldade”).

Para analisar as informações extraídas das questões abertas, referentes aos motivos que influenciaram no surgimento ou agravamento do indicativo de TMC, bem como os sentimentos e as dificuldades que os docentes sentiram ao lecionar no ensino remoto/pandemia, foram elaboradas nuvens de palavras. Nuvens de palavras são ilustrações que mostram o grau de frequência das palavras em um texto. O tamanho da palavra na nuvem indica o grau de frequência que ela aparece no texto; assim, palavras que foram citadas pelos respondentes com mais frequência aparecem maior na nuvem (VILELA; RIBEIRO; BATISTA, 2020).

Para mensurar o indicativo de TMC, foram analisados os dados obtidos no SRQ-20. Para cada resposta positiva (sim) era somado o valor de 1 (um) ponto para compor o escore final. “Os escores obtidos estão relacionados com a suspeição de presença de transtorno não psicótico, variando de 0 (nenhuma probabilidade) a 20 (extrema probabilidade)” (BUENO, 2016. p. 120). O ponto de corte utilizado para detectar o indicativo de TMC neste estudo foi de oito ou mais (≥ 8) respostas positivas para toda a amostra estudada (CARLOTTO; BARCINSKI; FONSECA, 2015). Ou seja, aqueles que marcaram oito ou mais sintomas como “sim”, receberam o indicativo de TMC.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo versa sobre os resultados encontrados durante a pesquisa com os docentes, além de trazer a discussão sobre estes. Inicialmente, será apresentada uma caracterização da amostra estudada, cumprindo assim um dos objetivos da pesquisa que é traçar o perfil dos docentes da educação básica da rede estadual de ensino do RN. Posteriormente, serão apresentados os resultados que tratam do indicativo do TMC, os fatores que a eles estão associados, assim como a análise dos níveis de prazer e dificuldades sentidos pelos docentes, cumprindo assim os demais objetivos que foram traçados anteriormente.

4.1 PERFIL DOS DOCENTES

Os dados referentes as características sociodemográficas da amostra (Tabela 1) revelaram que a maioria dos respondentes da pesquisa são do sexo feminino (68,6%), fazem parte da geração X (55,8%), têm companheiros (68,2%) e pelo menos um filho (73,9%).

Tabela 1 - Características sociodemográficas da amostra

Características Sociodemográficas	n	%
Sexo		
Masculino	89	31,4
Feminino	194	68,6
Geração		
<i>Millennials</i> (25 a 34 anos)	67	23,7
Geração X (35 a 49 anos)	158	55,8
<i>Baby-boomers</i> (50 a 66 anos)	58	20,5
Situação conjugal		
Com companheiro(a)	193	68,2
Sem companheiro(a)	90	31,8
Filhos		
Sim	209	73,9
Não	74	26,1

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Já era esperado que o sexo feminino fosse maioria entre os respondentes, sendo que historicamente as mulheres estão em maior número entre docentes de todos os níveis de ensino da educação básica. Elas são maioria na educação infantil, e à medida que o nível de ensino

avança a proporção de docentes do sexo feminino vai diminuindo (BRASIL, 2021). Por isso, cabe ressaltar que devido ao campo de estudo ser a educação básica, isso pode ter contribuído para a maior quantidade de mulheres respondentes.

Em relação a geração comportamental, o resultado que teve a maior quantidade de respondentes é compatível com a geração dos docentes do Brasil (cuja faixa etária varia entre 40 e 49 anos), portanto, pertencem a Geração X (BRASIL, 2021).

Na variável situação conjugal, a opção com companheiro(a) obteve o maior número de respondentes, esse resultado assemelha-se com os estudos de Delcor *et al* (2004), Carraro (2015), Machado (2017), todos com docentes. E quando questionados se possuíam filhos, a maioria dos docentes responderam que sim, esse resultado é parecido com o encontrado no estudo de Carlotto *et al.* (2019).

Considerando as características ocupacionais da amostra (Tabela 2), a maior parte dos docentes responderam que seu vínculo empregatício é somente com a Rede Estadual (62,2%), lecionam em somente uma escola (50,5%), em mais de um turno (75,6%), estão lecionando em somente um nível de ensino (62,2 %), possuem vínculo efetivo com a rede estadual (90,5%), são residentes nas cidades que lecionam (78,1%), as escolas estão localizadas em zona urbana (94,3%), são docentes que lecionam há mais de 10 anos (55,5%) e que não tiveram nenhum tipo de alteração salarial durante a pandemia (74,2%).

Tabela 2 - Características ocupacionais da amostra

Características Ocupacionais	n	%
Quantidade de vínculo empregatício		
Rede Estadual	176	62,2
Rede Estadual e outras redes	107	37,8
Quantidade de escolas que leciona		
Uma	143	50,5
Mais de uma	140	49,5
Quantidade de turno que leciona		
Um	69	24,4
Mais de um	214	75,6
Quantidade de nível de ensino que leciona		
Um	176	62,2
Mais de um	107	37,8
Tipo de vínculo		
Efetivo	256	90,5
Temporário	27	9,5
Reside na cidade que leciona		
Sim	221	78,1
Não	62	21,9

continua

Características Ocupacionais	n	conclusão
		%
Localização da escola que leciona		
Zona Urbana	267	94,3
Zona Rural	16	5,7
Há quanto tempo leciona		
Até 10 anos	126	44,5
Acima de 10 anos	157	55,5
Alteração salarial durante a pandemia		
Não	210	74,2
Sim, para mais	39	13,8
Sim, para menos	34	12,0

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Para a variável quantidade de vínculo empregatício, a maioria dos docentes da amostra responderam que têm vínculo empregatício apenas com a rede estadual, sendo que um vínculo com a rede tem 30 horas semanais, podendo também agregar mais cinco ou dez horas extras com aulas suplementares. No entanto, apesar de dizer que são docentes apenas na rede estadual, nada impede que eles possuam dois vínculos com essa rede, deste modo eles estariam perfazendo assim uma carga horária máxima de 60 horas semanais, 30 por cada vínculo.

Ao verificar a quantidade de escolas que os docentes lecionam, os resultados ficaram parecidos tanto para uma escola, quanto para mais de uma escola, porém o primeiro ainda é maioria. Embora seja um resultado muito parecido, ele não reflete alguns estudos que informam que os docentes em sua maioria trabalham em mais de uma escola (PINHO *et al.*, 2021).

Quando analisado o resultado da quantidade de turnos que os docentes possuem, verifica-se que a maioria dos docentes estão trabalhando em mais de um turno. Essa dupla ou tripla jornada de trabalho implica em mais atividades burocráticas e extraclasse, mais desgaste físico e emocional e menos tempo para o descanso/lazer (CARRARO, 2015).

Ao fazer a análise da quantidade de nível que os docentes respondentes lecionam, foi visto que a maioria leciona em apenas um nível de ensino. Nos dados originais, antes do agrupamento dos níveis, pode-se perceber que o nível com um maior número de docentes é o ensino médio. Esse resultado reflete os encontrados pela rede estadual do RN, posto que o ensino médio é o que possui a maior quantidade de docentes, seguido por ensino fundamental anos finais e fundamental anos iniciais, respectivamente (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA, DO ESPORTE E DO LAZER DO RIO GRANDE DO NORTE, 2021b).

Sobre o resultado do tipo de vínculo que os docentes possuem, a maioria dos docentes informaram que seu vínculo com o Estado é do tipo efetivo. Esses docentes estão em melhores

condições dos que os docentes que o vínculo é temporário, já que possuem acesso à progressão de cargos e salários, além da estabilidade. Um resultado parecido com esse foi encontrado no estudo de Andrade e Falcão (2018), realizado com docentes municipais de Natal.

Ao serem questionados se residem na mesma cidade em que lecionam, a maioria dos docentes afirmaram que sim. Verificando os dados originais, constatou-se que dos 283 docentes da amostra, sete são residentes em estados vizinhos (Ceará e Paraíba). Ou seja, esses docentes que antes do período do ensino remoto gastavam tempo fazendo o deslocamento entre estados, tiveram mais disponibilidade de tempo.

A variável acima, se relaciona com a variável localização da escola que o docente leciona (urbana ou rural). A zona urbana foi referida pela grande maioria dos docentes da rede estadual do RN. Esse resultado é um retrato da situação da educação brasileira, que majoritariamente têm escolas de educação básica localizadas em zonas urbanas (BRASIL, 2021).

Quanto à variável que analisava há quanto tempo o docente leciona, mais da metade dos respondentes disseram que seu tempo de atuação na docência é acima de dez anos. Esse resultado é similar ao encontrado no estudo de Pinho *et al.* (2021), que teve como participantes docentes da rede privada de ensino na Bahia. Esse dado faz sentido quando relacionado a geração X (35 a 49 anos) dos docentes que são maioria neste estudo, posto que que são pessoas que em tese já são formadas e estão no mercado de trabalho há pelo menos quase duas décadas.

Para a variável alteração salarial durante a pandemia, percebe-se que a maioria dos docentes não teve nenhum tipo de alteração. Esse resultado, já era esperado, pois graças ao acordo do piso salarial da categoria, o valor recebido pelos docentes tem que ser igual ou superior ao piso salarial da categoria, sendo ilegal a redução do salário do servidor. Um resultado parecido também foi encontrado por Pinho *et al.* (2021). Nos casos, que os docentes responderam que “sim, para mais”, podem estar se referindo a aumento devido há algum tipo de progressão funcional. E para os casos em que os docentes responderam “sim, para menos”, talvez estejam se referindo a outras redes, principalmente a rede privada.

4.2 INDICATIVO DE TMC

Quando analisado de forma global, observou-se que 58,0% dos docentes da educação básica da rede estadual do RN tiveram o indicativo de TMC. Ou seja, dos 283 docentes que fizeram parte da amostra, 164 possuem um indicativo para o TMC. O indicativo encontrado sinaliza a urgência por uma maior atenção, intervenção e acompanhamento da saúde mental dos docentes.

Devido a coleta de dados ter acontecido nos meses de março/abril de 2021, percebeu-se que alguns aspectos podem ter influenciado o elevado indicativo de TMC, tais como: ensino remoto, final do ano letivo e período pandêmico.

O ensino remoto gerou muita angústia para os docentes que tiveram suas rotinas profissional e pessoal alteradas subitamente. Ademais, o final do ano letivo de 2020 da educação básica da rede estadual deu-se no mês de março de 2021, período em que ocorreu a coleta dos dados. Essa época é sempre mais complicada para o docente, pois sua demanda de trabalho aumenta. Finalização das aulas, elaboração, aplicação e correção de provas, inserção de notas no sistema e todas as tarefas relacionadas à conclusão do ano. São muitas tarefas a serem realizadas em pouco tempo, que ocasiona mais exaustão ao docente, que já vinha enfrentando dificuldades durante todo o ano letivo.

Além disso, o período pandêmico é um momento de muita incerteza e insegurança devido a diversos aspectos, desencadeando ou intensificando um quadro de saúde mental nos indivíduos. O estudo de Pinho *et al.* (2021) também revela o aumento no indicativo de TMC, quando comparado ao período anterior a pandemia. Da mesma forma, os resultados de um estudo realizado com servidores de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), mostram quanto esse momento pandêmico contribuiu para agravar os casos de TMC (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

O resultado encontrado neste estudo é maior que o encontrado entre docentes da rede municipal de Belo Horizonte (50,3%) (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006), servidores técnico-administrativos de um instituto federal no Nordeste (37,0%) (MOTA; SILVA; AMORIM, 2020), docentes do ensino fundamental da rede pública municipal de Cuiabá (29,8%) (SANTOS *et al.*, 2020) e com docentes pantaneiros do município de Aquidauana (15,4%) (BUENO, 2016). Até mesmo quando comparado aos docentes universitários, o resultado deste estudo também se mostra superior, é o que revela uma pesquisa realizada com docentes universitários de uma universidade federal brasileira (29,6%) (NEME;

LIMONGI, 2019). Essas variações dos percentuais nos indicativos talvez decorram das diferenças nas condições de trabalho, do estilo de vida do indivíduo, do período da aplicação e da pandemia (PINHO *et al.*, 2021).

Ao analisar a frequência de sintomas assinalados pelos respondentes (Tabela 3), verificou-se que os itens com maiores percentuais foram: nervoso, tenso ou preocupado (81,6%), triste (66,4%), dorme mal (59,4%), dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias (58,7%), cansa com facilidade (57,2%) e dores de cabeça frequente (55,1%). E os itens com menores percentuais são: ideia de acabar com a vida (5,3%), incapacidade de desempenhar um papel útil em sua vida (10,6%) e sentimento de inutilidade, sem préstimo (11,0%).

Tabela 3 – Frequência de sintomas assinalados

Sintomas	Fator	n	%
Nervoso, tenso ou preocupado	Humor depressivo-ansioso	231	81,6
Triste	Humor depressivo-ansioso	188	66,4
Dorme mal	Sintomas somáticos	168	59,4
Dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias	Decréscimo de energia vital	166	58,7
Cansa com facilidade	Decréscimo de energia vital	162	57,2
Dores de cabeça frequente	Sintomas somáticos	156	55,1
Dificuldades para tomar decisões	Decréscimo de energia vital	138	48,8
Cansado o tempo todo	Decréscimo de energia vital	137	48,4
Dificuldades de pensar com clareza	Decréscimo de energia vital	133	47,0
Assusta-se com facilidade	Humor depressivo-ansioso	131	46,3
Sensações desagradáveis no estômago	Sintomas somáticos	127	44,9
Má digestão	Sintomas somáticos	120	42,4
Perda do interesse pelas coisas	Pensamentos depressivos	113	39,9
Chorado mais do que de costume	Humor depressivo-ansioso	110	38,9
Dificuldades no serviço (trabalho penoso, causa sofrimento)	Decréscimo de energia vital	100	35,3
Tremores nas mãos	Sintomas somáticos	72	25,4
Falta de apetite	Sintomas somáticos	60	21,2
Sentimento de inutilidade, sem préstimo	Pensamentos depressivos	31	11,0
Incapacidade desempenhar um papel útil em sua vida	Pensamentos depressivos	30	10,6
Ideia de acabar com a vida	Pensamentos depressivos	15	5,3

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

O fator humor depressivo-ansioso compreende os sintomas que são relacionados à depressão e ansiedade. As questões que são relacionadas à dificuldade em tomadas de decisão, satisfação no trabalho, clareza de pensamento, cansaço e dificuldades no trabalho. O fator dos sintomas somáticos está ligado as condições psiquiátricas que apresentam sintomas físicos, mas que não são explicados por transtornos médicos, neurológico ou psiquiátricos. E o fator de

pensamentos depressivos relaciona-se as perdas de interesse pela vida e pelas coisas (BUENO, 2016). Entre os fatores, o que obteve o maior percentual foi o que correspondente ao humor depressivo-ansioso (41,3%), seguido por decréscimo de energia vital (23,2%), sintomas somáticos (19,5%) e por último o que teve o menor percentual foi o de pensamentos depressivos (11,8%). O mesmo resultado referente aos fatores com maior e menor percentual também foi encontrado por Bueno (2016).

No fator correspondente ao humor depressivo-ansioso, o maior percentual de respostas Sim foi para a questão “sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)” (81,6%) e o menor foi para a questão “tem chorado mais do que de costume” (38,9%). No fator de decréscimo de energia vital, a maioria das respostas Sim foi para “encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias” (58,7%) e o que teve menos respostas Sim foi a questão “tem dificuldades no serviço (trabalho penoso, causa sofrimento)” (35,3%). Para o fator de sintomas somáticos, o maior número de respostas Sim foi para a questão “dorme mal” (59,4%) e o menor número de respostas Sim foi para a questão “Falta de apetite” (21,2%). Por fim, no fator pensamentos depressivos a maior quantidade de respostas Sim foi para a questão “tem perdido o interesse pelas coisas” (39,9%) e a menor quantidade foi para a questão “tem tido ideia de acabar com a vida” (5,3%). Com exceção para o maior percentual do fator decréscimo de energia vital, todos os outros fatores têm o maior e o menor percentual iguais aos identificados no estudo de Mota, Silva e Amorim (2020), que também utilizou o SRQ-20 para avaliar o TMC.

Outro ponto que deve ser levado em conta refere-se ao sintoma “Ideia de acabar com a vida”. Embora a maioria tenha respondido “não”, é preciso considerar que 5,3%; ou seja, 15 docentes; responderam “sim”. No estudo de Mota, Silva e Amorim (2020) foi achado um percentual superior em servidores com ideação suicida. Para além de um número, são pessoas com ideias suicidas. Esse quantitativo revela a necessidade de um olhar cuidadoso para com esses docentes, pelo risco iminente de suicídio.

4.2.1 Possíveis relações entre o indicativo de TMC e o perfil docente

Quando avaliado o nível de TMC associado com as variáveis sociodemográficas (Tabela 4), os resultados dos testes do Qui-Quadrado mostram que há uma variação entre os grupos das variáveis sexo e geração, no entanto, mostram também que não há variação entre os grupos nas variáveis situação conjugal e filhos.

Tabela 4 - Indicativo de TMC associado as características sociodemográficas

Variáveis	Valor (χ^2)	Valor (Associação Linear por Linear)	Significância (α)
Sexo	9,013	*	0,003
Geração		3,814	0,051
Situação conjugal	1,777	*	0,183
Filhos	0,624	*	0,429

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Na variável sexo, houve diferença entre os grupos de docentes que tiveram indicativo de TMC e que são do sexo masculino (45,0%), e do grupo de docentes que tiveram indicativo de TMC e que são do sexo feminino (64,0%). Isso significa dizer que a proporção de indicativo de TMC entre as mulheres é de 1,42 vez mais alta que entre os homens. Esse maior número de indicativo de adoecimento entre docentes do sexo feminino pode estar ligado a uma questão social - na qual as mulheres exercem múltiplas atividades - trabalham em empregos formais e trabalham em casa, ainda cuidam de filhos. Estudos anteriores a pandemia (MACHADO, 2017; CARRARO, 2015; CARLOTTO; BARCINSKI; FONSECA, 2015), já mostravam que o indicativo de TMC era bem maior em mulheres, além disso quando havia a sobrecarga doméstica o indicativo de TMC aumentava (PINHO *et al.*, 2021). No momento da pandemia, como estavam trabalhando em *home-office*, as mulheres tiveram dificuldade na separação de tarefas profissionais das tarefas domésticas, conseqüentemente, essa falta de equilíbrio na divisão entre as tarefas pode gerar um adoecimento mental (GUIZELINI, 2014). Cabe ressaltar que mesmo sendo a pandemia um período de muita dificuldade, o resultado encontrado neste estudo, é bem inferior ao que foi encontrado no estudo de Machado (2017).

Geração comportamental é outra variável que houve variação entre os grupos. Houve diferenças entre os grupos de docentes que tiveram indicativo de TMC e que são da geração *Millennials* (67,2%), entre os grupos de docentes que tiveram indicativo de TMC e que são da geração X (57,0%) e também houve diferenças entre os grupos de docentes que tiveram indicativo de TMC que são da geração *Baby-boomers* (50,0%). Observa-se que à medida que vai diminuindo a faixa etária (geração comportamental) o índice de TMC aumenta. Para essa variável, era esperado que para a geração *Millennials* o nível de adoecimento fosse menor, no entanto, não foi isso que os resultados mostraram. Essa percepção se dá pelo fato de que os *Millennials* foi a primeira geração criada sob forte contato com a tecnologia, por isso, estão desde sempre em contato com a tecnologia digital. Como as pessoas da geração *Millennials* têm uma familiaridade maior com as TDICs (ROBINS; JUDGE, 2020), esperava-se que isso se revertisse em uma menor preocupação para se adaptar ao uso das TDICs no ensino remoto.

Apesar de não terem problemas com a diversidade, os *Millenials* são cheios de exigências e carências (ROBINS; JUDGE, 2020), fato que pode influenciar no indicativo de TMC. Outro ponto que deve ser considerado é o fato de que a geração *Millenials* muitas vezes tem uma vida social mais ativa, e no período da pandemia eles tiveram que “paralisar” sua vida social, devido ao isolamento social exigido pela pandemia. Por último, também se pode considerar que os docentes da geração *Millenials*, teoricamente, são os que ainda tem filhos pequenos e que exigem mais cuidados e atenção.

Com relação as variáveis situação conjugal e filhos, não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos, isso mostra que quando essas variáveis foram associadas aos transtornos, não houve nenhum indicativo de TMC. Esse resultado é igual ao achado no estudo de Pinho *et al.* (2021).

Quando avaliado o nível de TMC e associando com as variáveis ocupacionais (Tabela 5), os resultados dos testes do Qui-Quadrado, mostram que há uma variação entre os grupos das variáveis quantidade de vínculo empregatício, reside na cidade que leciona e quantidade de escola que leciona. Porém, não houve variações entre os grupos das variáveis tipo de vínculo, localização da escola que leciona, nível de ensino que leciona, turno que leciona, tempo que leciona e alteração salarial durante a pandemia.

Tabela 5 - Indicativo de TMC associado as características ocupacionais

Variáveis	Valor (χ^2)	Valor (Associação Linear por Linear)	Significância (α)
Quantidade de vínculo empregatício	15,636	*	0,000
Quantidade de escolas que leciona	8,172	*	0,004
Quantidade de turno que leciona	2,818	*	0,093
Quantidade de nível de ensino que leciona	0,552	*	0,457
Tipo de vínculo	1,537	*	0,215
Reside na cidade que leciona	10,124	*	0,001
Localização da escola que leciona	0,020	*	0,887
Há quanto tempo leciona	2,126	*	0,145
Alteração salarial durante a pandemia	*	0,121	0,728

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Para a variável quantidade de vínculo empregatício que os docentes respondentes possuem, houve a variação entre o grupo de docentes que tiveram indicativo de TMC e que possuem vínculo apenas com a rede estadual (62,0%) e do grupo que tiveram indicativo de TMC e que possuem vínculo com a rede estadual e com outra rede (22,0%). Com isso, a proporção de indicativo de TMC entre aqueles docentes que possuem vínculo apenas com o

Estado é de 2,78 vezes mais chances de terem o indicativo do que aqueles que possuem vínculo em mais de uma rede de ensino.

Assim como para a variável quantidade de escolas que os docentes lecionam, também ficou evidente que houve diferença entre os grupos de docentes que tiveram indicativo de TMC e que responderam que lecionam em uma escola (50,0%) e do grupo de docentes que tiveram indicativo de TMC e que responderam que lecionam em mais de uma escola (66,0%). Portanto, evidenciou-se que a proporção entre os docentes que ensinam em mais de uma escola é o indicativo é 1,34 vez mais que os docentes que ensinam em apenas uma escola.

Esse resultado é facilmente compreensível, pois ao buscar melhorar sua renda os docentes ampliam sua jornada de trabalho, passando muitas vezes a trabalhar em mais de um vínculo e/ou em escolas diferentes. Logo o docente passa a ter uma carga horária extenuante, ocasionando o desgaste físico e mental (CARRARO, 2015). Além do desgaste, ao se trabalhar em locais diferentes, cria-se uma dificuldade em fortalecer as relações interpessoais, que poderiam servir como um ponto de apoio (MACHADO, 2017).

Ao analisar a variável quantidade de turno que leciona, constatou-se que não houve diferença com indicativo de TMC entre os grupos que lecionam um turno, assim como também não houve diferença para o grupo que lecionam em mais de um turno. Resultado que diverge do encontrado por Machado (2017) em seu estudo com docentes.

Também não houve diferença nos indicativos de TMC entre o grupo que leciona em um nível, e o grupo que leciona em mais de um nível de ensino. Isso se revelou diferente do encontrado por outros estudos, pelo fato de que ao lecionar em mais de um nível os docentes precisam adequar seus planejamentos, conteúdos e didática para os diversos níveis que leciona, corroborando com a ideia de que a alta demanda de trabalho, é fator de predisposição ao estresse (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006).

Quando relacionado a variável tipo de vínculo com indicativo de TMC, não houve diferença significativa entre os grupos que possuem vínculo efetivo ou temporário. Fato interessante, posto que os docentes efetivos tem estabilidade em seu emprego, enquanto que o temporário além de não ter estabilidade, ele tem prazo determinado para o seu término (até dois anos). O vínculo efetivo ao passo que traz alguns aspectos positivos como a estabilidade de emprego e financeira, pode trazer também consequências negativas, como a estagnação profissional. Em razão dessa estagnação, até mesmo os profissionais que estão insatisfeito com seus cargos, passam a ter a perda no interesse em buscar uma nova ocupação em uma atividade que realmente lhe satisfaça, mantendo-se no emprego e entregando um trabalho aquém da sua potencialidade (MACHADO, 2017). Já os docentes que possuem vínculo temporário, embora

não tenham a vantagem da estabilidade, eles recebem um maior apoio dos seus superiores (ANDRADE; FALCÃO, 2018). Portanto, pode-se concluir que embora os dois grupos enfrentem problemas profissionais, estes não são tão significativos ao ponto de ter um indicativo de TMC.

Quando avaliada a variável que se refere se o docente reside na cidade que leciona, houve diferença entre os grupos de docentes que tiveram indicativo de TMC e que responderam “sim” (63,0%), do grupo de docentes que tiveram indicativo de TMC e que responderam “não” (40,0%). Portanto, a proporção de indicativo de TMC entre aqueles que moram onde trabalham é de 1,56 vez mais alta que entre aqueles que não moram onde trabalham. Talvez o fato de que a pesquisa tenha sido realizada em um período de aulas remotas, em que os docentes não precisam se deslocar grandes distâncias até a escola, tenha influenciado para que o indicativo de TMC para docentes que não moram na mesma cidade que lecionam tenha sido menor, em relação aos que moram na mesma cidade que lecionam. Visto que o tempo gasto com o deslocamento também significa uma carga extra de trabalho, e menos tempo para a realização de outras atividades. Essa carga extra gera esforços além dos que os docentes já despendem, exigindo esforços físicos, cognitivos e emocionais (BUENO, 2016). Por isso, é bem provável que se a pesquisa fosse realizada em um período de aulas presenciais, o resultado fosse o inverso.

Ao relacionar a variável localização da escola que leciona com indicativo de TMC, não houve diferença significativa entre os grupos que lecionam em zona urbana e os que lecionam na zona rural. É bem provável que esse resultado esteja ligado ao fato de que os docentes já não têm a obrigação de deslocar-se até a escola, no caso para a zona rural, todos os dias.

Também não houve diferença nos grupos para o indicativo de TMC na variável há quanto tempo o docente já leciona, entre o grupo de docentes que estão lecionando por um período de até 10 anos e o grupo que estão lecionando por um período acima de 10 anos. No estudo de Andrade e Falcão (2018) é possível observar que os docentes com mais experiências têm uma percepção mais positiva quanto ao seu trabalho, talvez esse fato esteja ligado ao acúmulo de experiência e prática profissional. Ao passo que os docentes com menos experiência tendem a ter uma maior expectativa e dificuldade com os desafios da profissão, gerando desgaste e consequentemente, uma percepção negativa (ANDRADE; FALCÃO, 2018). Já o estudo de Machado (2017) mostra que a maior experiência que a docência traz, vem gerando um cumulativo processo de desgaste, tornando o trabalho algo penoso.

Para a variável alteração salarial durante a pandemia, não houve diferença entre os grupos para o indicativo de TMC que responderam “não”, e os grupos que responderam “sim,

para mais” e “sim, para menos”. Embora os baixos salários impliquem no surgimento do sofrimento mental, além de ser considerado um fator que gera insatisfação no trabalho (CARRARO, 2015), neste estudo foi comprovado que ele não foi um fator determinante para o indicativo de TMC.

Os resultados dos testes do Qui-Quadrado, apresentados na Tabela 6, mostram que não há variação entre os grupos da variável experiência com o ensino remoto e/ou EaD, no entanto, mostram que há variação entre os grupos na variável modalidade que os docentes preferem lecionar no pós-pandemia.

Tabela 6 - Indicativo de TMC associado com a experiência com ensino remoto e/ou EaD e com a preferência de modalidade pós-pandemia

Variáveis	Valor (χ^2)	Valor (Associação Linear por Linear)	Significância (α)
Experiência com ensino remoto e/ou EaD	0,891	*	0,345
Modalidade pós-pandemia	4,885	*	0,027

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Não houve variação entre os grupos de docentes que responderam a variável experiência com o ensino remoto/EaD. É fato que no Brasil os métodos de ensino ainda estão muito arraigados ao tradicionalismo, consequentemente, os docentes continuam reaplicando-os em suas práticas (CASTRO; RODRIGUES; USTRA, 2020). Alguns desses docentes muitas vezes não tiveram nenhum tipo de contato com o EaD tampouco com o ensino remoto, porém com a pandemia eles tiveram que aprender na prática (MELO; DIAS; VOLPATO, 2020).

Já para a variável modalidade que os docentes preferem lecionar no pós-pandemia, houve diferença entre os grupos de docentes que tiveram indicativo de TMC e que responderam que preferem o ensino presencial (62,0%), do grupo de docentes que tiveram indicativo de TMC e que responderam que prefere o ensino remoto/híbrido (47,0%). Com isso, a proporção de indicativo de TMC entre aqueles que querem retornar ao ensino presencial é de 1,31 vez mais que para aqueles que querem continuar com o ensino remoto/ híbrido. Ou seja, percebe-se que o ensino remoto/EaD não é aprovado por grande parte dos docentes, e que eles preferem lecionar de forma presencial. Isso talvez esteja ligado ao fato de que a geração X (maioria entre os respondentes) valoriza o trabalho em equipe (ROBINS; JUDGE, 2020), uma vez que o trabalho em *home-office* reduz a intimidade, além de desumanizar a relação com os colegas de trabalho e com os alunos (GUIZELINI, 2014). Outro fator que pode ter relação com a não aceitação em continuar com o ensino remoto no pós-pandemia, pode estar relacionada às

dificuldades enfrentadas pelos docentes na questão tecnológica, devido ao baixo letramento tecnológico (CASTRO; RODRIGUES; USTRA, 2020).

4.2.2 O ensino remoto/pandemia como fator de surgimento ou agravamento do TMC em docentes

Para atender um dos objetivos da pesquisa, qual seja avaliar o ensino remoto/pandemia como fator de surgimento ou agravamento do TMC em docentes da educação básica da rede estadual do RN, foram feitos os seguintes questionamentos: Se os sintomas (que foram mencionados no SRQ-20) surgiram durante o ensino remoto/pandemia? E caso tenham surgido antes, com o ensino remoto/pandemia eles se agravaram?

Portanto, quando avaliado indicativo de TMC e associando com o ensino remoto/pandemia (Tabela 7), os testes do Qui-quadrado mostraram significância tanto para a variável surgimento dos sintomas durante o ensino remoto/pandemia, quanto para a variável agravamento dos sintomas.

Tabela 7 - Indicativo de TMC associado ao seu surgimento ou agravamento

Variáveis	Valor (χ^2)	Valor (Associação Linear por Linear)	Significância (α)
Surgiram durante o ensino remoto/pandemia	25,186	*	0,000
Agravaram durante o ensino remoto/pandemia	85,551	*	0,000

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Quando questionados se houve surgimento dos sintomas de TMC durante o ensino remoto/pandemia, observou-se que 67,0% dos docentes que tiveram indicativo de TMC responderam “sim”. Com isso, a proporção de docentes com indicativo de TMC que afirmaram que os sintomas surgiram durante o ensino remoto/pandemia é de 2,04 vezes mais do que entre os docentes com indicativo de TMC que afirmaram que não surgiram.

Também houve um aumento significativo no número de docentes que antes da pandemia já tinha indicativo de TMC e que afirmaram que seus sintomas se agravaram durante o ensino remoto/pandemia. Constatou-se que 94,0% dos docentes que tiveram indicativo de TMC responderam “sim” quando questionados se seus sintomas tinham se agravado com o ensino remoto/pandemia. Deste modo, a proporção de docentes com indicativo de TMC que afirmaram que os sintomas se agravaram na pandemia é de 15,4 vezes mais do que entre os que apresentam

indicativo, mas não afirmaram. Nos docentes que já sentiam os sintomas do TMC presentes em suas vidas, o ensino remoto/pandemia intensificou mais ainda os sintomas. Esse resultado corrobora com os encontrados em outro estudo realizado com docentes e técnicos administrativos de uma IFES (OLIVEIRA et al., 2021).

Logo, tanto surgiram como se agravaram os indicativos de TMC durante o ensino remoto/pandemia, e com maior número entre os casos que se agravaram. Além disso, quando questionados sobre os motivos que poderiam ter influenciado no surgimento ou agravamento desses sintomas, os docentes responderam com palavras-chaves os principais motivos que podem ser vistos na nuvem de palavras (Figura 1). As palavras com mais destaque são: ansiedade/preocupação, notícias da pandemia, incerteza/insegurança, pandemia, estresse, adoecimento/morte de parentes/amigos, cobrança/pressão da SEEC/Escola e mudança na rotina, etc. Com base nesses motivos, é possível compreender o porquê dos sintomas do TMC terem surgido ou se agravado.

Figura 1 - Nuvem de palavras dos principais motivos que influenciaram o surgimento ou agravamento do indicativo de TMC, segundo os docentes



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A mistura de sentimentos e sensações, de maioria negativa, que os docentes vivenciaram no ensino remoto/pandemia acabaram por afetá-los de tal forma que acabou gerando entre outros sintomas, estresse e ansiedade (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020).

As notícias sobre a pandemia, o medo de se contaminar ou de perder um familiar/amigo está muito relacionado aos altos níveis de ansiedade. Somando-se a isso, o isolamento social que tirou as pessoas do convívio social, pode ter sido fator decisivo no agravamento dos sintomas, principalmente relacionados à depressão (SANTOS JÚNIOR et al., 2021).

Nesse sentido, acredita-se que toda a tensão e incerteza do período pandêmico, somada a sobrecarga laboral, mudança na rotina e estresse familiar, causado pelo *home-office*; foram vetores para o surgimento ou agravamento do sofrimento que os docentes vivenciaram no ensino remoto/pandemia (LIMA et al., 2020).

4.2.3 Níveis de prazer e de dificuldade antes e durante o ensino remoto/pandemia

Neste tópico é mostrado o comparativo dos níveis de prazer e de dificuldade que os docentes sentiram ao lecionar, antes e durante o ensino remoto/pandemia. Para isso, os docentes tiveram que responder as questões em uma escala Likert de cinco pontos, e as opções dos docentes variava de 1 (nada prazeroso / nenhuma dificuldade) a 5 (totalmente prazeroso / muitíssima dificuldade). Os dados obtidos nas questões tipo escala de Likert de cinco pontos foram analisados com o Teste t de *Student*, que verifica se a diferença encontrada entre as médias das variáveis níveis de prazer e de dificuldade são estatisticamente significativas (Tabela 8).

Tabela 8 - Teste t para comparação dos níveis de prazer e dificuldade

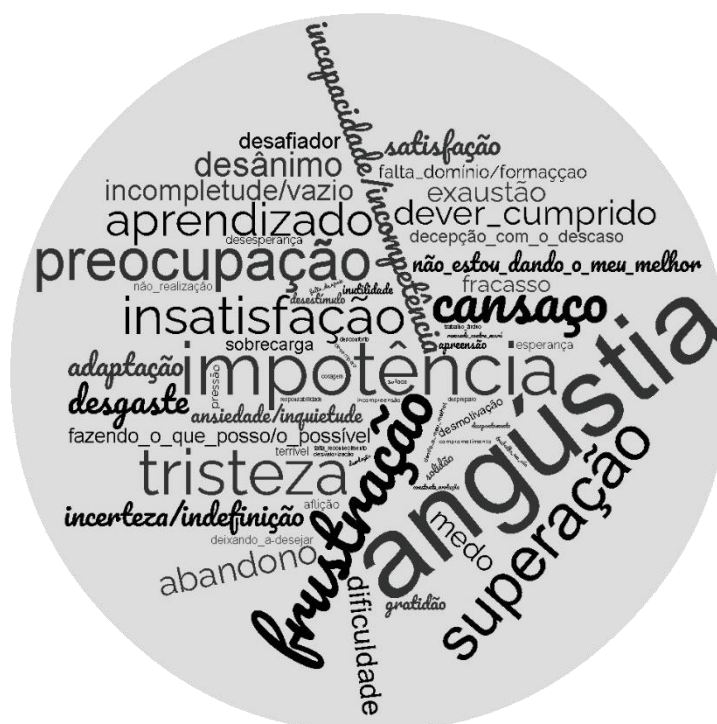
Variáveis	Média	Desvio padrão	Diferença de média	t	Significância (α)
Prazer antes	4,512	0,736	1,717	22,784	0,000
Prazer durante	2,795	1,246			
Dificuldade antes	2,495	1,102	-1,558	-17,296	0,000
Dificuldade durante	4,053	1,076			

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

As médias dos níveis de prazer antes do ensino remoto/pandemia (4,512) e níveis de prazer durante (2,795), obteve uma diferença (1,717), cujo resultado do Teste t deu significativo ($t = 22,784$, $\alpha = 0,00$). Pode-se concluir com isso que o nível de prazer que os docentes sentiram ao lecionar antes é muito maior do que quando comparado ao nível de prazer que eles sentiram ao lecionar durante o ensino remoto/pandemia.

Com base nos resultados acima e analisando a nuvem de palavras relacionada aos sentimentos que os docentes experienciaram ao lecionar durante o ensino remoto/pandemia (Figura 2), percebe-se que as palavras que estão com mais destaque são palavras de cunho negativo, como: angústia, frustração, cansaço, impotência, tristeza, preocupação, insatisfação, etc. E poucas são as palavras que trazem sentimentos positivos: superação, aprendizado e dever cumprido.

Figura 2 - Nuvem de palavras dos sentimentos durante o ensino remoto/pandemia, segundo os docentes



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Em meio a um cenário de incertezas e dificuldades, esse resultado também é fruto de um alto grau de exigências para que as demandas educacionais e burocráticas fossem cumpridas a todo custo, desencadeando muitas vezes altos níveis de estresse, ansiedade e insatisfação (CASTRO; RODRIGUES; USTRA, 2020).

Para os níveis de dificuldade antes (2,495) e níveis de dificuldade durante (4,053), teve uma diferença negativa (-1,558) e um resultado de Teste t significativo ($t = -17,296$, $\alpha = 0,00$). Constata-se, portanto, que o nível de dificuldade que os docentes sentiram ao lecionar antes é muito menor quando comparado ao nível de dificuldade que eles sentiram ao lecionar durante o ensino remoto/pandemia.

Quando se analisa a nuvem de palavras das dificuldades que os docentes sentiram ao lecionar durante o ensino remoto/pandemia (Figura 3), as palavras com mais destaque são: uso

da tecnologia, desestímulo dos alunos, conciliação do trabalho com a casa e falta de condições dos alunos. Verifica-se, portanto, que não são dificuldades apenas relacionados ao docente em si, mas também com a preocupação que eles têm com os alunos.

Figura 3 - Nuvem de palavras das dificuldades durante o ensino remoto/pandemia, segundo os docentes



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Esse dado pode ser reflexo do despreparo que os docentes possuem ao utilizar de plataformas digitais, uma vez que em suas formações não foram previstas uma situação cheia de adversidades como o ensino remoto/pandemia (CASTRO; RODRIGUES; USTRA, 2020).

Não só os docentes enfrentaram dificuldades no manuseio dos meios digitais, mas principalmente os alunos, isso quando tinham acesso a eles. O alto número de demandas recebidas pelos docentes e o pouco apoio por parte do Estado/SEEC e das escolas também estão no rol de dificuldades enfrentadas pelos docentes. Somando-se a isso, ainda tem o agravo na desigualdade social, pois, devido à falta de equipamentos tecnológicos e suporte familiar, muitos alunos não conseguiram participar efetivamente do ensino remoto, e perderam conteúdos primordiais para o seu desenvolvimento. O resultado disso é a defasagem de aprendizagem que será percebida futuramente, e que trará como consequência o desestímulo e/ou evasão do aluno. Para os alunos que continuarão estudando após o período remoto, o

sentimento é de que precisarão, junto com os docentes, correr atrás dos prejuízos causados na educação.

Não há dúvidas de que todas as dificuldades enfrentadas pelos docentes do RN, durante o período de ensino remoto, também são vivenciadas pela maioria dos docentes do Brasil; uma vez que muitas destas dificuldades são anteriores ao ensino remoto. Desse modo, a situação que já era difícil ficou muito mais crítica, revelando um contexto de desigualdade social, onde a educação é sempre deixada em segundo plano (LIMA *et al.*, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este último capítulo trata das considerações finais do estudo, cujo objetivo principal é o de analisar o indicativo de TMC entre docentes da educação básica da rede estadual do RN, durante o ensino remoto na pandemia de Covid-19. O capítulo enfatiza os principais resultados encontrados, as contribuições do estudo, suas limitações, bem como as sugestões para os estudos futuros sobre a temática abordada.

5.1 PRINCIPAIS RESULTADOS

O perfil de docentes observado neste estudo é composto em sua maioria pelo sexo feminino, que são da geração X, com companheiros e filhos. Além disso, são docentes que possuem vínculo empregatício efetivo somente com a rede estadual, que lecionam em apenas uma escola, em mais de um turno, em apenas um nível de ensino, são residentes nas cidades que lecionam e as escolas onde lecionam são localizadas em sua maioria em zona urbana; Estes docentes estão lecionando há mais de 10 anos e durante a pandemia não teve nenhum tipo de alteração em seus salários.

Ao mensurar o indicativo de TMC em docentes da amostra, conclui-se que mais da metade dos docentes da amostra obtiveram um diagnóstico positivo. O percentual encontrado é superior aos encontrados em estudos com docentes em períodos anteriores ao ensino remoto/pandemia, visto que no período pandêmico os indicadores de TMC tiveram um aumento significativo. Assim, este resultado indica a necessidade de criação de políticas públicas de saúde mental voltadas para esse público.

Ainda em relação ao TMC, os sintomas mais citados foram “nervoso, tenso ou preocupado”, “triste”, “dorme mal”, “dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias”, “cansa com facilidade” e “dores de cabeça frequente”; sendo os dois primeiros sintomas ligados diretamente à depressão e ansiedade, pois fazem parte do fator humor depressivo-ansioso. Os sintomas menos citados foram “ideia de acabar com a vida”, “incapacidade de desempenhar um papel útil em sua vida” e “sentimento de inutilidade, sem préstimo”, todos do fator pensamentos depressivos.

Ao analisar as possíveis relações entre o indicativo de TMC e o perfil docente, para as variáveis sociodemográficas, encontrou-se associação significativa dessa variável com as variáveis sexo e geração. Enquanto para as variáveis ocupacionais, verificou-se uma associação significativa entre o indicativo de TMC e as variáveis: quantidade de vínculo empregatício, quantidade de escolas que leciona e se reside na cidade que leciona. Em contraponto, não foram encontradas associações do indicativo de TMC com as variáveis: situação conjugal, filho, quantidade de turno que leciona, quantidade de nível de ensino, tipo de vínculo, localização da escola, tempo que leciona e alteração salarial durante a pandemia.

Para a variável experiência com o ensino remoto ou EaD não foi encontrada nenhuma associação com o indicativo de TMC. No entanto, para a variável modalidade pretendida pelos docentes no pós-pandemia, encontrou-se associação com a variável indicativo de TMC.

Também foi avaliado o ensino remoto/pandemia como fator de surgimento ou agravamento do TMC. Como resultado disso, observou-se que a pandemia não só contribuiu para o surgimento, mas principalmente para o agravamento dos sintomas do TMC entre os docentes da amostra. Nos casos de agravamento, o indicativo de TMC é quase oito vezes maior, quando comparado ao indicativo de surgimento.

Quando perguntados sobre os principais motivos que levaram ao surgimento ou ao agravamento dos sintomas, os docentes enunciaram motivos como: ansiedade/preocupação, notícias da pandemia, incerteza/insegurança, pandemia, estresse, adoecimento/morte de parentes/amigos, cobrança/pressão da SEEC/Escola e mudança na rotina, etc. Motivos de cunho negativos, que se relacionam tanto com a pandemia como com o ensino remoto.

Ao comparar os níveis de prazer que os docentes sentiram ao lecionar, antes e durante o ensino remoto/pandemia, verificou-se que os níveis de prazer que os docentes sentiram antes eram superiores aos níveis que eles sentiram durante o ensino remoto/pandemia. E que esses baixos níveis de prazer sentidos durante o ensino remoto/pandemia, estavam diretamente ligados aos sentimentos de angústia, frustração, cansaço, impotência, tristeza, preocupação, insatisfação, etc. Com pouca ocorrência de sentimentos positivos quando envolviam o ensino remoto/pandemia.

Os níveis de dificuldade também foram motivos de comparação entre o antes e o durante o ensino remoto/pandemia, os resultados são inversos aos níveis de prazer mensurados. Ou seja, os níveis de dificuldade sentidos pelos docentes eram menores no período anterior, e durante o ensino remoto/pandemia as dificuldades eram maiores. Portanto, pode-se concluir que quanto maior o nível de prazer, menor é o nível de dificuldade; e o inverso também é verdadeiro. Quando questionados sobre as principais dificuldades enfrentadas no período, os docentes

evidenciaram questões que estão relacionadas com suas dificuldades pessoais (conciliação do trabalho com a casa/família, dificuldades no uso da tecnologia) e com as dificuldades dos alunos (falta de acesso aos recursos digitais, pouco conhecimento no uso da tecnologia, desestímulo dos alunos, dificuldade financeira e falta de suporte familiar nas questões de aprendizagem).

Diante do exposto, conclui-se que o indicativo de TMC entre docentes da educação básica da rede estadual de ensino do RN, diante do ensino remoto em meio a pandemia de Covid-19 foi bastante elevado. Portanto, carece de atenção e de criação de medidas que venham a minimizar os efeitos que o ensino remoto/pandemia trouxe para a saúde mental dos docentes.

5.2 CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO

O estudo permitiu conhecer o indicativo de TMC nos docentes da educação básica da rede estadual do RN, e como as variáveis sociodemográficas e ocupacionais, o ensino remoto e a pandemia influenciaram nesse indicativo. O elevado indicativo de TMC encontrado neste estudo, traz uma série de danos que são sentidos pelos docentes, e mesmo que de forma indireta afetam alguns agentes que estão interligados a educação estadual. Alguns desses danos são: insatisfação, desmotivação, relações interpessoais prejudicadas, baixa qualidade no ensino, presenteísmo, absenteísmo, rotatividade, licença médica, afastamento e até abandono do trabalho.

Ao conhecer esse indicativo, o Governo do Estado, junto com as instituições de ensino, deve criar políticas públicas que promovam a saúde mental entre os docentes da rede. Algumas atividades de conscientização e redes de apoio para promover a saúde mental são: palestras, rodas de conversas, eventos, campanhas, cartilhas informativas, ginástica laboral, etc. Outro ponto importante, é avaliar os resultados das ações implementadas e melhorá-las caso seja preciso. Todas essas ações devem ter o objetivo de desmistificar e aumentar o conhecimento acerca da saúde e adoecimento mental, identificando precocemente os sintomas entre os docentes, e os demais membros da comunidade escolar, incentivando-os na busca por ajuda especializada.

Para os docentes, este resultado é uma alerta para que alguns hábitos sejam inseridos em seu dia a dia e para que outros sejam evitados. Algumas alternativas para a melhoria na saúde mental são: exercícios físicos, melhorar a qualidade do sono e da alimentação, prática de atividades relaxantes e prazerosas, melhorar as relações intra e interpessoal, diminuir o

consumo excessivo de notícias (principalmente as relacionadas a pandemia ou de violência) e também a realização de psicoterapia.

O fato de se ter docentes saudáveis é essencial para que se possa oferecer um serviço adequado, refletindo diretamente na qualidade do ensino. Então a saúde mental dos docentes deve ser um cuidado que também precisa ser motivo de preocupação para a população, pois os docentes prestam um serviço que tem impacto direto na sociedade de modo geral.

Acredita-se inclusive, que o estudo fornece informações que possibilitam ações de cuidado para outras possíveis pandemias, visto que os estudos e especialistas preveem outros momentos como esse. Além do mais, por ser o ensino remoto e a pandemia temáticas recentes, ao associar o TMC a esses dois fatores o estudo servirá como base para estudos futuros, quando relacionados aos docentes do RN.

5.3 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Embora o estudo tenha alcançado todos os objetivos propostos, ele tem algumas limitações. A dificuldade em conseguir os contatos das escolas para a distribuição do *e-mail* com o *link* da pesquisa. Mesmo tendo sido solicitado para as DIRECs, algumas não disponibilizaram. Apesar da amostra ter docentes de todas as regiões do RN, observa-se que grande parte é da Região Oeste, especificamente da cidade de Mossoró, as demais regiões tiveram um número menor de participantes.

Uma importante limitação que merece destaque é o fato de que o estudo foi analisado apenas de forma quantitativa, o que impossibilita a realização de uma análise mais detalhada; como por exemplo, dos motivos que influenciaram no surgimento ou agravamento do TMC. Assunto que poderia ser melhor aprofundado por meio de entrevistas com alguns dos docentes da amostra.

Apesar de algumas limitações, os objetivos foram alcançados e o estudo apresentou um bom índice de confiabilidade, tendo possibilitado conhecer o indicativo do TMC nos docentes da educação básica da rede estadual do RN e como o seu perfil, o ensino remoto e a pandemia influenciaram para o surgimento ou agravamento dos sintomas.

5.4 SUGESTÕES DE ESTUDOS FUTUROS

Tomando como base as limitações apresentadas, sugere-se que estudos futuros tenham abordagem tanto de forma quantitativa como qualitativa, com entrevistas individuais e/ou com grupos focais. Essas entrevistas possibilitariam colher informações aprofundadas sobre a problemática abordada. Recomenda-se que também seja feito estudos com docentes da educação básica de redes municipais e/ou privadas do Estado, a fim de que se possa mensurar ou comparar os níveis de TMC nos docentes das redes. Novos estudos também podem avaliar os níveis de TMC entre docentes de ensino superior do Estado; tanto da universidade estadual, como das universidades federais e privadas do RN. Outra recomendação é que algum outro estudo futuro refaça esta pesquisa, porém avaliando o TMC nos docentes no pós-pandemia (ou no “novo normal”).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. R. M. de; FALCÃO, J. T. da R. Trabalho docente no município de Natal: perfil e risco psicossocial. **Educação & Sociedade**, [s.l.], v. 39, n. 144, p. 704-720, 5 fev. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302018180935>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Dm6bqTYG5TL7gftDcjKGrHs/abstract/?lang=pt#:~:text=Consta%20de%20risco%20psicossocial%20para,por%20melhores%20condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20trabalho>. Acesso em: 22 abr. 2022
- BARRETO, A. C. F.; ROCHA, D. S. Covid-19 e educação: resistências, desafios e (im)possibilidades. **Revista Encantar: Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-11, jan. 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8480>. Acesso em: 05 abr. 2021.
- BASTOS, M. L. A. *et al.* Afastamentos do trabalho por transtornos mentais: um estudo de caso com servidores públicos em uma instituição de ensino no Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 53-59, jan. 2018. Disponível em: <https://www.rbmt.org.br/details/293/pt-BR/afastamentos-do-trabalho-por-transtornos-mentais--um-estudo-de-caso-com-servidores-publicos-em-uma-instituicao-de-ensino-no-ceara--brasil>. Acesso em: 27 maio 2021.
- BEHAR, P. A. **Artigo:** o ensino remoto emergencial e a educação a distância. O ensino remoto emergencial e a educação a distância. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resultados**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 29 mar. 2022
- BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília, Brasil: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 24 maio 2016. Seção 1, p. 44-46. Disponível em: <http://bit.ly/2fmnKeD>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- BRASIL. Constituição (1996). Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 07 maio 2022.
- BUENO, H. P. V. **Fatores de risco psicossociais em professores de escolas pantaneiras: relações com transtornos mentais comuns e estresse ocupacional**. 2016. 199 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1018294-helen-final.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BUTANTAN, Instituto. **Qual a diferença entre SARS-CoV-2 e Covid-19? Prevalência e incidência são a mesma coisa? E mortalidade e letalidade?** 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CAMPOS, T. C.; VÉRAS, R. M.; ARAÚJO, T. M. de. Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica. **Revista Docência do Ensino Superior**, [s. l.], v. 10, p. 1-19, fev. 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/15193>. Acesso em: 27 abr. 2021.

CAMPOS, T. C.; VÉRAS, R. M.; ARAÚJO, T. M. de. Transtornos mentais comuns em docentes do ensino superior: evidências de aspectos sociodemográficos e do trabalho. **Avaliação**: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), [s. l.], v. 25, n. 3, p. 745-768, dez. 2020b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346941871_Transtornos_mentais_comuns_em_docentes_do_ensino_superior_evidencias_de_aspectos_sociodemograficos_e_do_trabalho. Acesso em: 29 maio 2021.

CARLOTTO, M. S. *et al.* Prevalência de Afastamentos por Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho em Professores. **Psi Unisc**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 19-32, jan. 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/12464>. Acesso em: 27 abr. 2021.

CARLOTTO, M. S.; BARCINSKI, M.; FONSECA, R. Transtornos mentais comuns e associação com variáveis sociodemográficas e estressores ocupacionais: uma análise de gênero. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 1006-1026, nov. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000300013. Acesso em: 02 maio 2022.

CARRARO, M. M. **Condições de trabalho e Transtornos Mentais Comuns em professores da rede básica municipal de ensino de Bauru – SP**. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Botucatu, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/131936/000850036.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CARVALHO, C. N. *et al.* Prevalência e fatores associados aos transtornos mentais comuns em residentes médicos e da área multiprofissional. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [s. l.], v. 62, n. 1, p. 38-45, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852013000100006. Acesso em: 12 abr. 2021.

CASTRO, D. P.; RODRIGUES, N. D. de S.; USTRA, S. R. V. Os reflexos do ensino remoto na docência em tempos de pandemia da Covid-19. **Revista Edapeci**, [s. l.], v. 20, n. 3, p. 72-86, 19 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.29276/redapeci.2020.20.314543.72-86>. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/14543>. Acesso em: 24 abr. 2022.

COSIC, K. *et al.* Impact of human disasters and covid-19 pandemic on mental health: potential of digital psychiatry. **Psychiatria Danubina**, [s. l.], v. 32, n. 1, p. 25-31, abr. 2020.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/340658592_Impact_of_Human_Disasters_and_COVID-19_Pandemic_on_Mental_Health_Potential_of_Digital_Psychiatry. Acesso em: 26 maio 2021.

CRUZ, R. M. *et al.* COVID-19: emergência e impactos na saúde e no trabalho. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 1-3, jun. 2020. Trimestral. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572020000200001. Acesso em: 20 mar. 2021.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia**: usando SPSS para windows. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 608 p. Lori Viali.

DELCOR, N. S. *et al.* Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 20, n. 1, p. 187-196, fev. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2004000100035>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Q5gXtdq5pmVsCWzXTw53cJJ/#>. Acesso em: 22 abr. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: http://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM_V.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. Á. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 22, n. 12, p. 2679-2691, dez. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2006001200017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/PHJS4FcB5TdMrGNh6gwHJ8m/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GIROTTI, C.; DIEHL, L. Saúde mental e trabalho: uma reflexão sobre a possível relação entre o diagnóstico e as situações de trabalho. **Polêm!ca**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 90-115, maio 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/22904/16372>. Acesso em: 30 maio 2021.

GONÇALVES, A. M.; SILVEIRA, A. P.; KIMURA, P. R. de O. O trabalho docente: os objetivos e o papel nas representações sociais dos professores. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 12., 2015, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2015. p. 15. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17345_7631.pdf. Acesso em: 20 maio 2021.

GONÇALVES, D. M.; STEIN, A. T.; KAPCZINSKI, F. Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o structured clinical interview for dsm-iv-tr. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 380-390, fev. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2008000200017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/7dgFYgCkbXw9BgwY7dY94Nb/?lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2021

GRUPO DE INSTITUTOS, FUNDAÇÕES E EMPRESAS. **Planejamento, conectividade e tecnologia:** quais são os principais desafios da educação em tempos de pandemia. São Paulo: GIFE, 2020. Disponível em: <https://gife.org.br/planejamento-conectividade-e-tecnologia-quais-sao-os-principais-desafios-da-educacao-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

GUIZELINI, C. F. **Percepção do trabalhador sobre o modelo de trabalho em home-office.** 2014. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Gestão Empresarial, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Sebastião, 2014. Disponível em: http://www.fatecsaosebastiao.edu.br/downloads/TGs/TG_2014_Clarice.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

HODGES, C. *et al.* The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **Educause Review**. p. 1-21, mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 05 abr. 2021.

IACOPONI, E.; MARI, J. de J. Reliability and factor structure of the Portuguese version of Self-Reporting Questionnaire. **International Journal of Social Psychiatry**, [s.l.], v. 35, n. 3, p. 213-222, set. 1989. <https://doi.org/10.1177/002076408903500301>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Internet chega a 88,1% dos estudantes, mas 4,1 milhões da rede pública não tinham acesso em 2019.** Brasil, IBGE, 2021. Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/30522-internet-chega-a-88-1-dos-estudantes-mas-4-1-milhoes-da-rede-publica-nao-tinham-acesso-em-2019.html#:~:text=IBGE%20%7C%20Censo%202021%20%7C%20Internet%20chega,n%C3%A3o%20tinham%20acesso%20em%202019>. Acesso em: 15 maio 2021.

LABORATÓRIO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA EM SAÚDE. **Mortalidade por Covid-19 é maior entre os mais pobres, aponta pesquisa.** Natal: LAIS, 2020. Disponível em: <https://lais.huol.ufrrn.br/mortalidade-por-covid-19-e-maior-entre-os-mais-pobres-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 25 maio 2021.

LIMA, L. da S. *et al.* Pandemia no contexto escolar: a importância das emoções e da autorregulação emocional. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE INTERFACES DA PSICOLOGIA, 1., 2020, [s.l.]. **Anais [...]**. [s.l.]: 2020. Disponível em: <https://www.ulbracds.com.br/index.php/interfaces/article/view/2906>. Acesso em: 20 mar. 2021.

LOCKMANN, K.; TRAVERSINI, C. S. Escolarização delivery. **Textura - Ulbra: Revista de Educação e Letras**, [s.l.], v. 23, n. 53, p. 447-514, jan. 2021. Trimestral. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/6348/3975>. Acesso em: 08 abr. 2021.

MACEDO, J. W. de L.; SILVA, A. B. da. Afastamentos do Trabalho no Brasil por Transtornos Mentais e Comportamentais (TMC): o que revelam os números da previdência social?. **Métodos e Pesquisa em Administração**, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 39-49, jun. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Anielson->

Silva/publication/326127052_Afastamentos_do_Trabalho_no_Brasil_por_Transtornos_Mentais_e_Comportamentais_TMC_o_que_revelam_os_numeros_da_Previdencia_Social_Work_Disorders_in_Brazil_for_Mental_and_Behaviors_Disorders_MBD_What_do_/links/5b3a2b51aca27207850230f6/Afastamentos-do-Trabalho-no-Brasil-por-Transtornos-Mentais-e-Comportamentais-TMC-o-que-revelam-os-numeros-da-Previdencia-Social-Work-Disorders-in-Brazil-for-Mental-and-Behaviors-Disorders-MBD-What-do.pdf. Acesso em: 27 abr. 2021.

MACHADO, L. C. **Rastreamento de transtornos mentais comuns entre os professores da rede municipal de ensino, Uberlândia, Minas Gerais**. 2017. 57 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia (PPGAT), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20612>. Acesso em: 21 mar. 2021.

MELO, M. T. de.; DIAS, S. R.; VOLPATO, A. N. **Impacto dos fatores relacionados à pandemia de Covid-19 na qualidade de vida dos professores atuantes em SC**. Florianópolis: Contexto Digital, 2020. 47 p. Disponível em: <http://www.sinproesc.org.br/sinproesc/Pesquisas/Impactos%20da%20Pandemia%20da%20COVID-19%20na%20Qualidade%20de%20Vida%20dos%20Professores%20de%20SC.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.

MILL, D.; FIDALGO, F. O trabalho docente virtual como teletrabalho: sobre tempos, espaços e tecnologias. In: FIDALGO, Fernando *et al* (org.). **A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade**. Campinas: Papirus, 2015. p. 198. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/2274/pdf/198?code=c9GJtlfW2O9PxoT4sWtsmJFDc92LmxZkI7dzQpM47LR8kDLRE4ApXR4xgGODlO8XnHeYFKeRPc+B8z1PSP8v6w==>. Acesso em: 05 abr. 2021.

MOTA, C. A.; SILVA, A. K. L. da; AMORIM, K. Prevalência de transtornos mentais comuns em servidores técnico-administrativos em educação. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 891-898, mar. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572020000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 maio 2021.

NEME, G. G. de S.; LIMONGI, J. E. Prevalência e fatores relacionados a transtornos mentais comuns entre professores universitários de uma universidade federal brasileira. **Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, [s.l.], v. 15, n. 32, p. 112-120, nov. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/49863>. Acesso em: 12 abr. 2021.

NAIF, L. A. M. *et al*. Ensino público e privado: comparando representações sociais de professores sobre suas habilidades. **Psicologia em Pesquisa**, [s.l.], v. 01, n. 4, p. 57-64, jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v4n1/v4n1a08.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021.

OBSERVATÓRIO DE SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO. **Perfil dos Afastamentos - INSS**. Brasil: SMARTLAB, 2020a. Disponível em: <https://smartlabbr.org/sst/localidade/0?dimensao=perfilCasosAfastamentos>. Acesso em: 27 maio 2021.

OBSERVATÓRIO DE SAÚDE E SEGURANÇA DO TRABALHO. **Perfil dos Afastamentos - INSS**. Brasil: SMARTLAB, 2020b. Disponível em: <https://smartlabbr.org/sst/localidade/24?dimensao=perfilCasosAfastamentos>. Acesso em: 27 maio 2021.

OCHOA, C. **Qual o é tamanho da amostra que eu preciso?** 2013. Disponível em: < <https://www.netquest.com/blog/br/blog/br/qual-e-o-tamanho-de-amostra-que-preciso>>. Acesso em: 22 fev. 2021

OLIVEIRA, A. M. B. de *et al.* Sofrimento Mental dos Servidores de uma Instituição Federal de Ensino Superior em Tempos de Pandemia. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 45., 2021, on-line. **Anais eletrônicos [...]**. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2021. Disponível em: <http://www.anpad.org.br>. Acesso em: 10 mai. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Conectividade, gênero e professores:** como a coalizão global de educação está apoiando a recuperação da aprendizagem covid-19. como a coalizão global de educação está apoiando a recuperação da aprendizagem COVID-19. Paris: Unesco, 2021. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/conectividade-genero-e-professores-como-coalizao-global-educacao-esta-apoiando-recuperacao-da> . Acesso em: 05 abr. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Situação da educação no Brasil (por região/estado)**. Paris: Unesco, 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/covid-19-education-Brasil#:~:text=Desde%20o%20dia%2012%20>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Cronograma:** resposta Covid-19 da OMS. resposta COVID-19 da OMS. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline#>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa sobre COVID-19**. Washington: OPAS, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Dia Mundial da Saúde Mental:** uma oportunidade para dar o pontapé inicial em uma grande escala de investimentos. uma oportunidade para dar o pontapé inicial em uma grande escala de investimentos. Washington: OPAS, 2020a. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/27-8-2020-dia-mundial-da-saude-mental-uma-oportunidade-para-dar-pontape-inicial-em-uma>. Acesso em: 02 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **COVID-19 interrompe serviços de saúde mental na maioria dos países, revela pesquisa da OMS**. Washington: OPAS, 2020b. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-10-2020-covid-19-interrompe-servicos-saude-mental-na-maioria-dos-paises-revela-pesquisa>. Acesso em: 16 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Aumenta o número de pessoas com depressão no mundo**. Washington: OPAS, 2017. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5354:aumentao-numero-de-pessoas-com-depressao-no-mundo&Itemid=839. Acesso em: 01 maio 2021.

PINHO, P. de S. *et al.* Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, [s.l.], v. 19, jan. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00325>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/fWjNP9QqhbGQ3GH3L6rjswv/#>. Acesso em: 25 abr. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p.

ROBINS, S. P., JUDGE, T. A. **Comportamento organizacional**. 18. ed. São Paulo: Pearson Education, 2020. Tradução Cristina Yamagami.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia do Covid-19 e o Ensino Remoto Emergencial: mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas - Educação**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 41-57, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085>. Acesso em: 05 abr. 2021.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da UFSM**, v.2, n.2, p.250-269, 2009. <https://doi.org/10.5902/198346591555>

SAMPIERI, R. H. *et al.* **Metodologia da pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. Tradução Dayse Vaz de Moraes.

SANTOS, E. C. *et al.* Fatores associados à insatisfação com a saúde de professores do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 73, n. 5, p. 1-9, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/WF7zjcnBkfZ5htZhRWLvtTFy/?lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2021.

SANTOS JÚNIOR, L. C. *et al.* Morbidade por problemas mentais: análise de séries temporais no período anterior e durante a pandemia do covid-19. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. e32910212602, fev. 2021. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12602>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Praxis Educativa**, [s.l.], v. 15, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289>. Acesso em: 05 abr. 2021.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA, DO ESPORTE E DO LAZER DO RIO GRANDE DO NORTE. **Painel de estudantes**. Rio Grande do Norte: SEEC, 2021a. Disponível em: <https://sigeduc.rn.gov.br/sigeduc/public/transparencia/pages/ensino/estudantes.jsf>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA, DO ESPORTE E DO LAZER DO RIO GRANDE DO NORTE. **Painel de professores**. Rio Grande do Norte: SEEC, 2021b. Disponível em: <https://sigeduc.rn.gov.br/sigeduc/public/transparencia/pages/ensino/professores.jsf> Acesso em: 04 nov. 2021.

TAVARES, R. Três lições da pandemia para a educação. **Educação**, [s.l.], mar. 2021. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2021/03/19/licoes-pandemia-educacao/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

VASCONCELOS, S. E. *et al.* Impactos de uma pandemia na saúde mental: analisando o efeito causado pelo covid-19. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s.l.], v. 12, n. 12, p. e5168, dez. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/5168/3339>. Acesso em: 20 mar. 2021.

VILELA, R. B.; RIBEIRO, A.; BATISTA, N. A. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo. **Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health** [s.l.], n. 11, p. 29-36, 31 jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.29352/MILL0211.03.00230>. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/6637>. Acesso em: 02 maio 2022.

XIAO, C.; LI, Y. Analysis on the influence of epidemic on education in China. **American Ethnological Society**, [s.l.], maio 2020. Disponível em: <https://americanethnologist.org/features/collections/covid-19-and-student-focused-concerns-threats-and-possibilities/analysis-on-the-influence-of-epidemic-on-education-in-china>. Acesso em: 12 abr. 2021.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E OCUPACIONAL (QSDO)

Pesquisa sobre Adoecimento de Professores do RN

Esta pesquisa tem como objetivo avaliar o nível de adoecimento entre os professores da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte e a identificação das práticas docentes adotadas pelos professores no ensino remoto durante a pandemia de Covid-19. Os resultados desta pesquisa serão utilizados para o desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de aluna da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa).

Agradecemos a sua participação

1. Você já respondeu o questionário?

() Sim () Não

2. Você é docente da educação básica da rede estadual do RN?

() Sim () Não

3. Além da rede estadual do RN, você leciona em alguma outra rede de ensino?

() Não () Sim, municipal () Sim, privada () Sim, federal

4. Qual seu sexo?

() Feminino () Masculino

5. Qual é a sua idade (em anos completos)?

6. Qual é o seu estado civil?

() Solteiro(a) () Casado(a) () União Estável () Divorciado(a)

() Separado(a) () Viúvo(a) () Outro

7. Você tem filhos?

() Sim () Não

8. Em qual cidade você mora?

9. Você trabalha na mesma cidade que mora?

() Sim () Não

10. A escola em que você trabalha está situada em:

() Zona urbana () Zona rural

11. Há quanto tempo você leciona (em anos completo)?

12. Em quantas escolas você leciona?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ou mais

13. Em quantas turmas que você leciona?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () outros

14. Em qual turno você trabalha?

() Matutino () Vespertino () Noturno

15) Qual é o seu vínculo empregatício com a escola da rede estadual?

() Efetivo () Temporário () Outro

15. Em qual nível de ensino você leciona?

() Infantil () Fundamental (Anos Iniciais) () Fundamental (Anos Finais)

() Médio () Superior () AEE (Atendimento Educacional Especializado)

16. Seu salário sofreu alteração durante a pandemia?

() Sim, para mais () Sim, para menos () Não

17. Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou no ensino remoto?

18. Qual é o seu sentimento quanto a sua atuação docente no ensino remoto?

19. Você já havia tido alguma experiência com o trabalho remoto, antes da pandemia?

() Sim () Não

20. Antes da pandemia, o quanto você considerava prazeroso o ato de dar aulas?

nada prazeroso ○ ○ ○ ○ ○ totalmente prazeroso

1 2 3 4 5

21. Durante a pandemia, o quanto você considera prazeroso o ato de dar aulas?

nada prazeroso ○ ○ ○ ○ ○ totalmente prazeroso

1 2 3 4 5

22. Antes da pandemia, qual o nível de dificuldade que você enfrentava na sua prática docente?

Nenhuma dificuldade ○ ○ ○ ○ ○ muitíssima dificuldade

1 2 3 4 5

23. Durante a pandemia, qual o nível de dificuldade que você enfrenta na sua prática docente?

Nenhuma dificuldade ○ ○ ○ ○ ○ muitíssima dificuldade

1 2 3 4 5

24. No pós-pandemia, se você pudesse optar, trabalharia em qual modalidade de ensino:

() Remoto () Presencial () Híbrido

25. Esses sintomas surgiram durante a pandemia?

() Sim () Não, já sentia antes

26. Esses sintomas se agravaram durante a pandemia?

() Sim () Não, permaneceu igual

27. Qual o motivo (ou motivos) você acredita que levou ao surgimento e agravamento dos sintomas?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Projeto: Nível de adoecimento de professores do RN na pandemia de Covid-19.

Pesquisadores envolvidos: [REDACTED]

1. Este é um convite para o (a) senhor (a) participar da pesquisa “NÍVEL DE ADOECIMENTO DE PROFESSORES DO RN NA PANDEMIA DE COVID-19” coordenada pelo pesquisador [REDACTED] e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso decida aceitar o convite, o senhor (a) será submetido (a) ao seguinte procedimento: QUESTIONÁRIO de auto aplicação formado por duas etapas. Na primeira, as questões versarão sobre o seu perfil profissional e suas práticas de ensino; na segunda, será aplicado o questionário SRQ cuja finalidade é de avaliar os seus sintomas percebidos, dores ou problemas que lhe tenham incomodado nos últimos 30 dias.

2. Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Compreender as percepções, as experiências e as práticas docentes adotadas por professores do RN na pandemia e avaliar os sintomas, dores ou problemas que tenham lhes incomodado nos últimos 30 dias”. Os benefícios desta pesquisa são a possibilidade de conhecer melhor a situação atual vivida pelos docentes da rede estadual de ensino do RN no período da pandemia e identificar se neste período o nível de adoecimento entre os professores se modificou. Assim, será possível obter um diagnóstico geral da situação do trabalho e da vida dos professores, neste momento tão peculiar que é o ensino remoto devido ao distanciamento social obrigatório.

3. Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de ordem emocional (constrangimento/vergonha de a sua vida ser exposta). Esses riscos serão minimizados mediante: Garantia do anonimato/privacidade do participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome do mesmo; Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas os pesquisadores envolvidos poderão manusear e guardar os questionários; Sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não será divulgado dado que identifique o participante; Garantia que o participante se sinta a vontade para responder aos questionários e Anuência das Instituições de ensino para a realização da pesquisa. Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em CD-ROM e caixa arquivo, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas (DCSA) da Ufersa, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e/ou responsável.

4. Você poderá obter uma cópia deste TCLE assinado pelo pesquisador responsável, como comprovante, através do e-mail: antonio.oliveira@ufersa.edu.br. Toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para o pesquisador responsável [REDACTED], da Universidade Federal Rural do Semi-Árido/RN, Campus Mossoró no endereço Av. Francisco Mota, 572 - Bairro Costa e Silva, Mossoró RN | CEP: 59.625-900.

Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Campus Universitário Central - Centro de Convivência. BR 110, KM 48 Rua: Prof. Antonio Campos, S/N, Costa e Silva. Tel: (84) 3312-7032. e-mail: cep@uern.br / CEP 59.610-090.

5. Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. O pesquisador estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

ANEXO – SELF-REPORTING QUESTIONNAIRE-20 (SRQ-20)

Teste que avalia o sofrimento mental. Por favor, leia as instruções antes de preencher as questões abaixo. É muito importante que todos que estão preenchendo o questionário sigam as mesmas instruções.

Instruções

Estas questões são relacionadas a certas dores e problemas que podem ter lhe incomodado nos últimos 30 dias. Se você acha que a questão se aplica a você e você teve o problema descrito nos últimos 30 dias responda SIM. Por outro lado, se a questão não se aplica a você e você não teve o problema nos últimos 30 dias, responda NÃO.

OBS: Lembre-se que o diagnóstico definitivo só pode ser fornecido por um profissional.

Perguntas	Respostas	
	Sim	Não
1. Você tem dores de cabeça frequente?		
2. Tem falta de apetite?		
3. Dorme mal?		
4. Assusta-se com facilidade?		
5. Tem tremores nas mãos?		
6. Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)		
7. Tem má digestão?		
8. Tem dificuldades de pensar com clareza?		
9. Tem se sentido triste ultimamente?		
10. Tem chorado mais do que de costume?		
11. Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?		
12. Tem dificuldades para tomar decisões?		
13. Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, causa-lhe sofrimento?)		
14. É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?		
15. Tem perdido o interesse pelas coisas?		
16. Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?		
17. Tem tido ideia de acabar com a vida?		
18. Sente-se cansado(a) o tempo todo?		
19. Você se cansa com facilidade?		
20. Tem sensações desagradáveis no estômago?		